

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

ORIENTAÇÃO SEXUAL: DIRETRIZES CURRICULARES E PRÁTICA DOCENTE NAS
ESCOLAS PERIFÉRICAS DE MONTES CLAROS.

Assunción, Paraguay

2010

Patrícia Alves Valadares

ORIENTAÇÃO SEXUAL: DIRETRIZES CURRICULARES E PRÁTICA DOCENTE NAS
ESCOLAS PERIFÉRICAS DE MONTES CLAROS.

Dissertação apresentada a UAA como requisito parcial
para obtenção o título de Mestre em Ciências da Educação,
sob a orientação do Professor Dr. Diosnel Centurión, PhD.

Assunción, Paraguay

2010

Alves Valadares, P. (2010). **Orientação Sexual: diretrizes curriculares e prática docente nas escolas periféricas de Montes Claros.**

Patrícia Alves Valadares. 114 páginas

Orientador: Dr. Diosnel Centurión, Ph.D.

Dissertação Acadêmica de Mestrado em Ciências da Educação - Universidad Autónoma de Asunción, 2010.

Esta Tese foi avaliada e aprovada para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Educação
pela Universidad Autónoma de Asunción – UAA.

.....

.....

.....

Agradeço a Deus por cada instante de renovação e aprendizagem na escola da vida.

A meu filho Victor, meu grande e verdadeiro amor, que abdicou dos direitos de me ter ao seu lado nos muitos anos de afastamento involuntário.

A Minha mãezinha por ter me ensinado a buscar os sonhos com coragem e confiança, por ter contribuído para que eu me tornasse quem hoje sou, e sempre torceu pelo meu sucesso. Agradeço ainda a uma professora muito especial da graduação, que foi o ponto chave do meu interesse pela educação e conscientização do meu potencial, Baby Figueiredo.

E agradeço também ao meu Orientador Prof^o Diosnel Centurión pelas preciosas orientações no desenvolvimento desta investigação.

“Todo ser humano é saber em semente, pronto para brotar e florescer tão logo aprenda a construir-se em comunhão com o objeto imprescindível de todas as fantasias previsíveis – o mundo em que vivemos” (Celso Antunes).

INDICE

Agradecimento.....	05
Epígrafe	06
ÍNDICE	07
LISTA DE TABELAS	09
LISTA DE GRÁFICOS	10
RESUMO	11
RESUMEN	12
INTRODUÇÃO	13
1. PROBLEMA	19
1.1. Delineamento e Formulação	19
1.2. Objetivos	20
1.2.1. Geral	20
1.2.2. Específicos	20
1.3. Justificativa	21
1.3.1. Escolha do campo de pesquisa.....	25
1.4. Delimitação e Alcance	27
2. MARCO TEÓRICO.....	28
2.1. Revisão Bibliográfica	28
2.1.1. A Sexualidade Humana	28
2.1.1.1. A Evolução da Sexualidade.....	29
2.1.1.2. Moralidade e Sexualidade.....	31
2.1.2. A Sexualidade segundo Freud	33
2.1.3. Foucault e a Sexualidade.....	35
2.1.4. A Contribuição de Bourdieu	37

2.1.5. Educação Sexual: Uma preparação para a vida	41
2.1.5.1. Conceito de Educação Sexual	43
2.1.5.2. Infância e Sexualidade	46
2.1.5.3. Educação Sexual na Escola	47
2.1.5.4. A Sexualidade do Professor	56
2.1.6. Sexualidade e sua abordagem nos PCN'S	59
2.1.6.1. Transversalidade e Interdisciplinaridade	62
2.2. Marco Operacional	66
2.3. Hipóteses	67
2.3.1. De Pesquisa	67
2.3.2. Alternativas	68
3. METODOLOGIA	69
3.1. Descrição do Lugar	69
3.2. Fontes de Dados	71
3.3. Tipo e Método de Estudo	72
3.4. População e Amostra	74
3.5. Técnicas para a coleta de dados	75
3.6. Técnicas de Análise e Interpretação dos Dados	76
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	78
4.1. Caracterização do Perfil Profissional dos Docentes	78
4.2. Descrição da Entrevista	83
4.2.1. Tabulação dos Resultados da Entrevista	96
5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	102
REFERÊNCIAS	108
APENDICÊS.....	112

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 - Perfil de titulação dos professores entrevistados	72
TABELA 02 - Perfil profissional dos professores entrevistados	75

LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 01 - Formação Acadêmica inicial dos professores entrevistados	70
GRAFICO 02 - Perfil do professores quanto ao tempo de atuação	74
GRAFICO 03 - Opinião dos professores quando à considerarem importante o desenvolvimento sexual para a formação do indivíduo	86
GRAFICO 04 - Opinião dos professores quanto a abordagem do tema sexo dentro da escola como qualquer outro tema	87
GRAFICO 05 - Opinião dos professores quanto à liberdade para a articulação do trabalho com o tema sexo dentro da sala de aula	88
GRAFICO 06 - Compreensão dos professores à cerca das Diretrizes propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais	89
GRAFICO 07 - Compreensão dos professores sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais quanto ao volume do Tema Transversal Orientação Sexual	90
GRAFICO 08 - Aplicação das Diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais dentro da sala, quanto ao Tema Transversal Orientação Sexual	91
GRAFICO 09 - Como os professores aplicam as Diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais dentro da sala	92
GRAFICO 10 - Opinião dos professores a cerca da possibilidade de um trabalho, desconsiderando a sexualidade e dando ênfase as demais habilidades, em especial ao desenvolvimento cognitivo	93

RESUMO

A presente pesquisa teve a proposta de investigar o cumprimento ou não do que prescrevem os Parâmetros Curriculares Nacionais quanto à Orientação Sexual, o seu tratamento de forma transversal e a prática docente. O objetivo principal do trabalho foi avaliar “se” e “como” a sexualidade está sendo abordada do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, nas escolas da rede pública, localizadas na periferia da Cidade de Montes Claros – MG. Interessa-se compreender a percepção dos professores, sujeitos desta pesquisa, da atual situação da Orientação Sexual nas escolas investigadas. Além disto, interessa-se detectar o preparo destes para o diagnóstico e intervenção nas ações e atitudes apresentadas. Busca-se, também conhecer as formas como a instituição escola tem abordado o tema sexualidade, e como os alunos das camadas populares têm assimilado tais informações. Esta é um aspecto extremamente importante na formação global das pessoas, sendo assim, não pode ser negada ou ignorada. Daí a relevância de conhecermos os mecanismos criados pela escola para lidar com o tema. Verificou-se que, grande parte dos educadores, não domina as abordagens das Diretrizes apontadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, além de minimizar a importância destas para o desenvolvimento integral do educando, o que dificulta a dinâmica do trabalho. Como instrumento investigativo utilizou-se uma entrevista semi estruturada e pesquisa documental. Trata-se de uma investigação com enfoque misto de pesquisa quantitativa e qualitativa no campo da fenomenologia.

Palavras Chave: Sexualidade, Educação, Desenvolvimento, Infância, Personalidade

RESUMEN

La presente investigación ha tenido la propuesta de investigar el cumplimiento o no de lo que prescriben los Parámetros Curriculares Nacionales, en relación a la Orientación Sexual, su tratamiento de forma transversal y la práctica docente. El objetivo principal del trabajo ha sido, “si” y “como” se aborda la sexualidad del 1er al 5º año de enseñanza fundamental, en las escuelas de la red pública, localizadas en la periferia de la Ciudad de Montes Claros – MG. Se interesa en comprender la percepción de los profesores, individuos de esta investigación, de la actual situación de la Orientación Sexual en las escuelas investigadas. Además se quiere detectar la preparación de éstos para el diagnóstico de las acciones y actitudes presentadas. Se busca también conocer las formas como la institución escuela ha abordado el tema sexualidad, y cómo los alumnos de los estratos populares han asimilado tales informaciones. Éste es un aspecto extremadamente importante en la formación global de las personas, así siendo, no puede ser negada o ignorada. De ello surge, la relevancia de conocer los mecanismos criados por la escuela para manejar el tema. Se ha verificado que gran parte de los educadores, no domina el abordaje de las Directrices apuntadas en los Parámetros Curriculares Nacionales, lo que dificulta la dinámica de trabajo. Como instrumento investigativo se ha utilizado una entrevista semiestructurada e investigación documental. Se trata de una investigación con enfoque mixto de investigación cuantitativa y cualitativa en el campo de la fenomenología.

Palabras Clave: Sexualidad, Educación, Desarrollo, Infancia, Personalidad

INTRODUÇÃO

O mundo atual está marcado pelo que se conhece como o processo de globalização, ou seja, pela crescente gravitação dos processos econômicos, sociais e culturais de caráter mundial sobre aqueles de caráter nacional ou regional. Embora não se trate de um processo novo, suas raízes históricas são profundas, as drásticas mudanças nos espaços e tempos, geradas pela revolução das comunicações e informação, ampliaram as dimensões, trazendo transformações qualitativas com relação ao passado. Desta forma, as fronteiras vão perdendo o significado e a função em que se sustentaram até hoje, ou seja, a idéia de desenvolvimento nacional autônomo já não faz mais sentido. O ponto decisivo de todo este quadro é a acelerada mudança de paradigma em curso no momento.

A idéia de desenvolvimento encontra-se intimamente ligada a noção de evolução contínua, em que o indivíduo se encontra em todo o seu percurso de vida. Essa evolução, nem sempre linear, envolve todos os campos de existência humana, tais como afetivo, cognitivo social e motor.

Segundo Vygotsky (1982), o desenvolvimento humano não é determinado somente pelos processos de maturação biológica ou genética, o meio é o fator de máxima importância sendo esta cultura, sociedade, práticas e interações. Para o autor, os seres humanos nascem “mergulhados em cultura”, e é claro que esta será uma das principais influências no desenvolvimento.

Embora ainda haja discordâncias teóricas entre as abordagens sobre o grau de influência da maturação biológica e da aprendizagem com o meio no desenvolvimento, o contexto cultural é o palco das principais transformações e evoluções do seres humanos. Pela

interação social, aprendemos e nos desenvolvemos, criamos novas formas de agir no mundo, ampliando nossas ferramentas de atuação neste contexto complexo durante todo o ciclo vital.

Durante toda a trajetória do desenvolvimento humana, a educação assume um papel de vital importância. Desta forma, a escola como instituição que assume função peculiar neste processo deve buscar acompanhar esta transformação histórico-social para atender às necessidades dos alunos na construção de sua identidade como pessoa e cidadão atuante e participativo do contexto onde está inserido. Isto significa que esta deve inserir em sua prática a educação afetivo-sexual, cujos pilares se firmam em uma referência teórica, inspira uma postura ética de compromisso com a formação integral do educando.

Assumindo este ponto de vista da situação da escola como um todo, este estudo se inscreve no quadro de uma observação criteriosa sobre a orientação sexual no meio escolar. Trata-se de uma pesquisa mista com, enfoques qualitativos e quantitativos, onde a proposta foi investigar o cumprimento das diretrizes prescritas nos Parâmetros Curriculares Nacionais quanto à Orientação Sexual nas Escolas e seu tratamento de forma transversal.

O objetivo geral foi estabelecido da seguinte forma: Investigar a articulação entre a prática docente e as Diretrizes Curriculares Nacionais na dinâmica da Orientação Sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental nas escolas da rede pública localizadas na periferia da cidade de Montes Claros – MG. Questionou-se a compreensão dos docentes atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental a prática assumida no espaço escolar para o trabalho com o tema Orientação Sexual nas escolas pesquisadas. Percebeu-se ainda, a necessidade de compreender os motivos que direcionam o campo da sexualidade no âmbito escolar para conhecer as formas como as escolas têm lidado com a sexualidade humana.

A iniciativa de dedicar-se à investigação daquilo que se aponta no presente estudo desenvolvido por professores das séries iniciais do ensino fundamental está intimamente

ligada a trajetória profissional da pesquisadora enquanto pedagoga. Por acreditar que o contexto social não é algo externo ao sujeito, mas que, os significados e as leituras atribuídas a ela emergem do seu mundo vivido, como pesquisadora, sentiu-se a necessidade de conhecer as representações e as práticas dos grupos observados no processo socializador, revelando como a sexualidade é construída socialmente de acordo com os contextos em que se dão as diferentes interações sociais.

A sexualidade existe e faz parte do nosso dia-a-dia. Assim, não se pode negar ou simplesmente ignorá-la. Está inserida nas sociedades e apresenta-se sob as formas mais diversificadas e para cada uma delas existe um conjunto de variáveis mentais, físicas e psicossociais que contribuem para a formação integral das pessoas.

Alguns professores preferem tratar a sexualidade de uma forma naturalizada, com representações sobre o corpo como mecanismo controlador dos comportamentos das crianças, enfocando discursos científico-biológicos associados à reprodução, anatomia e fisiologia humana. No entanto, a questão é que crianças reconhecem duas ordens de discursos sobre a sexualidade: o da norma, disciplinador, e outro da criação fantasiosa, das brincadeiras erotizadas. Essas duas concepções se chocam no processo de socialização da pessoa e da própria construção da sexualidade, pois, em relação a esta, as crianças aprendem na rua, com os colegas, na televisão, enquanto a escola só reconhece legitimidade no discurso moralizante e institucionalizado. Assim, os professores reconhecem que as crianças possuem conhecimentos sobre sexo e erotismo, mas preferem o silêncio.

Muitos professores demonstram que encontram grandes dificuldades para conduzir o tema perante seus alunos, tais como medo, insegurança e falta de informação. Sendo assim, as principais fontes de informação sobre as questões relativas à Sexualidade são os meios de comunicação, especialmente a televisão, quando pressupõe-se desejável que a família e a

escola fossem a base da informação nesse campo. Com isto, percebe-se claramente que a liberdade entre os alunos, e o comportamento erotizado entre crianças e pré-adolescentes ocupa lugar cada vez maior dentro da sociedade. Padrões de comportamentos que infringem a moral e os bons costumes estão cada vez mais evidentes e prematuros.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, lei federal que regulamenta todo o processo educacional no país, e seguindo as orientações estabelecidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais¹ traçados pelo Ministério da Educação e Desporto (MEC), a temática Orientação Sexual deve ser incorporada na escola, desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, como Tema Transversal. Significa que deverá ser abordada em disciplinas afins dentro da matriz curricular.

O principal apontamento deste estudo foi detectar se as propostas dos PCN's² quanto ao tema Orientação Sexual estão sendo abordadas nas escolas estaduais de ensino na cidade de Montes Claros. Para a realização desta investigação foram selecionadas três escolas da Rede Estadual de Ensino, localizadas na zona periférica da cidade, onde encontra-se uma maior necessidade de intervenção pedagógica, pelo pouco acesso cultural da sua clientela: a) Escola Estadual Professora Cristina Guimarães; b) Escola Estadual João de Freitas Neto; c) Escola Estadual Beato José de Anchieta.

A investigação insere-se no enfoque misto de Pesquisa Quantitativa e Qualitativa no campo da Fenomenologia. Esta foi organizada em 9 capítulos, assim estruturados: a) Sexualidade Humana; b) A Sexualidade segundo Sigmund Freud; c) A Contribuição de Michael Foucault; d) A Contribuição de Pierre Bourdieu; e) Educação Sexual: uma

¹ Refere-se ao volume 10 dos Parâmetros Curriculares Nacionais, denominado Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, que é específico para as séries iniciais do ensino fundamental.

² Parâmetros Curriculares Nacionais

preparação para a vida; f) Educação Sexual; g) Infância e Sexualidade; h) Educação Sexual na Escola; i) Sexualidade e sua abordagem nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

No primeiro capítulo, discutiu-se as concepções, comportamentos e posturas dos indivíduos quanto às manifestações sexuais e condutas advindas das relações estabelecidas no contexto social no decorrer dos tempos.

Utilizou-se neste estudo, apontamentos teóricos e investigações de: Sigmund Freud, Michael Foucault e Pierre Bourdieu, que foram descritas nos capítulos segundo, terceiro e quarto.

Nas abordagens de Sigmund Freud, buscou-se a compreensão do termo sexualidade. Em relação a sexualidade infantil, as pesquisa deste renomado pesquisador contribuiu de imensamente para a ampliação da visão e da postura social a cerca da sexualidade no século XX.

Nas obras de Foucault, apropriou-se das reflexões sobre o discurso na prática social. Não só o discurso daquilo que é dito, mas também e principalmente o não-discurso, o não-dito. Foucault (1988) demonstrou como funcionaram e funcionam as práticas discursivas: ora estimulando, ora reprimindo as práticas sexuais. Para Foucault, só a nossa sociedade desenvolveu no decorrer dos séculos, para saber e dizer a verdade do sexo, procedimentos capazes de controlá-lo. Em busca por uma “verdade”, muitas práticas foram inventadas e reinventadas, e muitos discursos foram elaborados no intuito de reforçá-las ou eliminá-las.

Em Pierre Bourdieu, analisou-se a noção de habitus que, de certa forma, explica as barreiras encontradas pelos professores para modificar as práticas que são comumente estabelecidas há muito tempo na abordagem da sexualidade na escola. Procurou-se estabelecer uma ponte entre os conceitos de campo escolar como local de luta simbólica, estabelecida entre professores (dominadores) e alunos (dominados). Neste duelo realizado,

os dominadores tem imposto suas verdades acerca da sexualidade aos dominados. Este comportamento acarreta um certo conflito no campo escolar pois confronta as necessidades dos educandos em obter orientações e as barreiras dos docentes em articular de forma consciente esta proposta.

No quinto capítulo, pontuou-se o conceito da educação sexual e como esta necessita ser incorporada no ambiente escolar. A sexualidade foi definida como aspecto inerente ao desenvolvimento e a vida psíquica das pessoas, evidenciando a sua manifestação desde o nascimento, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, e sendo indissociavelmente ligado a valores e devendo ser abordado com contribuições de diversas áreas do conhecimento. Foi analisado a figura do professor no processo de Orientação Sexual dentro da escola e a necessidade da realização de um trabalho sistemático e voltado para as necessidades evidenciadas.

No sexto capítulo, discutiu-se as Diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, dando ênfase a articulação da abordagem do tema por meio do diálogo, reflexão e da possibilidade de reconstruir informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro. O documento viabilizou o tema por meio da transversalidade, o que significa que a concepção quanto aos objetivos e conteúdos propostos pelo tema encontram-se contemplados por diversas áreas do conhecimento. Desta forma, estará impregnando toda a prática educativa.

1. O PROBLEMA

1.1. Delineamento e Formulação

A educação tem sido amplamente discutida em diversas esferas sociais e se tornado objeto de muitas considerações do ponto de vista teórico e das articulações práticas que mantém com a vida social. Em meio a estes apontamentos que se emergem, a escola precisa de abertura para intervir nas atitudes e comportamento dos alunos, exercendo na prática o que diz na LDB 9.394/96³ quando menciona a formação integral. O tema sexualidade tem estreita relação e está vinculada ao exercício da cidadania na medida em que trabalha o desenvolvimento do respeito a si e ao outro e contribui para garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

Sendo assim, é de suma importância analisarmos a seguinte abordagem: A Orientação sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental nas escolas estaduais localizadas na zona periférica da cidade de Montes Claros - MG, é trabalhada de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, contribuindo para a formação integral do aluno?

Este questionamento requer um aprofundamento na postura dos profissionais da educação que devem adequar-se às necessidades evidenciadas, como: Qual a percepção dos educadores quanto à influência do desenvolvimento da sexualidade para a formação da personalidade do indivíduo? Quais as posturas mais frequentes dos educadores frente às manifestações e dúvidas de seus alunos em relação à sexualidade? Qual a compreensão dos professores sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais? Qual a compreensão dos professores

³ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

acerca das Diretrizes propostas pelos PCN's, sobre o tema transversal Orientação Sexual? Os professores aplicam as Diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais dentro da sala de aula? De que maneira?

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

- Investigar a articulação entre a prática docente e as Diretrizes Curriculares Nacionais na dinâmica da Orientação Sexual nas séries iniciais do Ensino Fundamental nas escolas da rede pública localizadas na periferia da cidade de Montes Claros – MG.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Conhecer a percepção dos educadores quanto à influência do desenvolvimento da sexualidade para a formação da personalidade do indivíduo;
- Verificar as posturas mais frequentes dos educadores frente às manifestações e dúvidas de seus alunos em relação à sexualidade;
- Identificar a compreensão dos professores sobre os PCN's;
- Identificar a compreensão dos professores acerca das Diretrizes propostas pelos PCN's sobre o Volume V - Tema Transversal Orientação Sexual;
- Verificar se as diretrizes propostas pelos PCN's são aplicadas dentro da sala de aula e de que forma isto acontece.

1.3. Justificativa

A relação educativa é uma relação política. Essa relação define-se na vivência da escolaridade em sua forma mais ampla, desde a estrutura escolar, em como esta se insere e se relaciona com a comunidade, até o reconhecimento dos alunos como indivíduos passíveis da compreensão da sua ação dentro do seu contexto social e na relação entre transmissão de conhecimentos e formação integral dos educandos.

A cada momento percebemos modificações no comportamento das crianças e adolescentes em relação à sexualidade. A sexualidade é tratada por estes com muita espontaneidade, revestindo-se de significações diferentes, sofrendo influências de toda uma estrutura sócio-histórico-cultural. Deste ângulo é observável, com muita nitidez, a necessidade da realização de um trabalho para diagnosticar a compreensão dos professores sobre a Educação Sexual, para que estes possam intervir e conduzir o desenvolvimento dos educandos com segurança.

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo escolar das escolas de ensino fundamental vem se intensificando desde a década de 70, provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens nos anos 60, dos grupos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade. Com diferentes enfoques e ênfases, existem vários registros que evidenciam de trabalhos realizados nas escolas desde a década de 20. A iniciativa de retomar este trabalho no atual momento ocorreu juntamente com os movimentos sociais que buscavam repensar o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados.

Ao tratar do tema educação sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, e que este intimamente ligado ao desenvolvimento humano.

Envolve o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos.

Todos esses fatores denotam uma grande necessidade da inclusão desta temática no currículo escolar nas séries iniciais. A família, que deveria ser responsável por esse encaminhamento, muitas vezes, não se sente preparada para abordar o assunto, não propiciando uma abertura para conversas em casa. Sendo assim, a família transfere para a escola mais essa responsabilidade.

Estamos vivendo um momento sexualmente conturbado, onde a erotização invade as casas através de jornais, revistas, rádio, internet e, principalmente, a televisão. Influenciadas pelos ídolos, as crianças estão cada vez mais erotizadas e os jovens iniciam a vida sexual cada vez mais cedo, muitas vezes sem a devida preocupação, resultando, em muitas ocasiões, em gravidez indesejada de garotas recém-saídas da infância. Muitos pais, em meio a tantas mudanças, ficaram totalmente aturdidos, visto que, no seu tempo a educação era mais rígida e tradicional.

A mídia, em suas múltiplas manifestações, informa, veicula campanhas educativas, que nem sempre, são adequadas, e com muita força, assume relevante papel, moldando padrões de comportamentos. Muitas vezes, também moraliza e reforça preconceitos. Esse turbilhão de mensagens resulta em comportamentos inadequados, o que fere totalmente a ética social.

Mesmo de forma inconsciente, a instituição escolar intervém de várias formas, na sexualidade dos alunos. Mesmo no cotidiano da sala de aula, quando proíbe certas manifestações e permite outras, ou ainda quando decide por informar aos pais sobre tais manifestações, esta transmite certos valores.

Em sua totalidade as escolas, seguindo a matriz de referência em Ciências, trabalham o corpo humano. Este é abordado por meio da discussão de noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo. E esta, normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade, que são questões muito significativas para a subjetividade dos alunos.

Partindo desta análise, torna-se tão necessária à presença da escola como orientadora, onde os docentes estejam aptos e preparados para abordar as questões que envolvem a temática em questão. A escola precisa ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver uma articulação responsável dos atos ligados à sexualidade. Assim é de extrema importância que reconheça que desempenha um papel impar na conduta e escolhas sexuais dos educandos.

Com a inclusão da orientação sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, que cada dia aflora mais precocemente, o namoro, homossexualidade, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar dos alunos na vivência de sua sexualidade atual e futura (Suplicy, 1893 p. 85).

A Orientação Sexual constitui um dos temas transversais propostos nos PCN's. De acordo com o documento, as escolas que tiveram bons resultados com a orientação sexual, relatam resultados como aumento do rendimento escolar, devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Para crianças menores relatam que informações corretas ajudam a diminuir a angústia e agitação em sala de aula (Brasil, Ministério da Educação e do Desporto, 1997 p. 122).

A orientação sexual na escola deve considerar que, para o indivíduo viver com plenitude no mundo que o cerca, é preciso estar sensibilizado para respeitar a si mesmo e aos

outros, saber relacionar-se, ter responsabilidade, crer na vida e procurar vivê-la com prazer, conhecendo seus próprios direitos inclusive o de ser feliz. Toda educação sexual precisa fundamentar-se nos alicerces da vida do ser humano, marcada pelos registros inconscientes dos primeiros contatos e experiências.. Aprenderá a respeitar a individualidade e a opção sexual de cada um, pois o importante é viver e estar bem resolvido consigo mesmo.

Fagundes (1995) nos diz que é preciso criar oportunidades para que as pessoas reflitam sobre suas idéias, sentimentos e conflitos na área da sexualidade e envolvam a totalidade do seu ser na re-interpretação e reconstrução da realidade.

Este estudo busca conhecer a ênfase dada dentro da escola ao tema dentro da proposta curricular como alternativa de um trabalho com a orientação sexual, comprometida em promover a autonomia do educando, o que leva a superação de padrões de comportamentos hierarquizados e estereotipados, além da superação dos preconceitos e tabus através da compreensão dos aspectos sócio-histórico-políticos que influenciaram na construção dos mesmos. Busca-se também analisar o preparo dos profissionais para o diagnóstico das ações e atitudes apresentadas, intervindo e buscando o equilíbrio e a compreensão do aluno sobre o assunto. Para tanto, a construção de um diagnóstico torna-se indispensável, na medida em que busca-se saber como os professores do Ensino Fundamental, das Escolas da Rede Estadual de Ensino na cidade de Montes Claros, lidam explicitamente com a educação sexual e se estão preparados para esta tarefa.

A pesquisadora buscou nas escolas da rede estadual de ensino, fontes para o seu estudo. Em conversas com colegas de trabalho sobre o pouco conhecimento para lidar com questões relacionadas à sexualidade das crianças, levou-a a iniciar o trabalho de uma observação mais apurada do comportamento das mesmas em diversos momentos. Nestes contatos e reflexões foi identificando que, à medida que desenvolvia a observação, percebia

que, na verdade, o que movia a sua busca, era outra questão. Precisava entender porque, apesar de todas as propostas, hoje em pauta, como a relevância da formação integral como diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, o trabalho com o tema sexualidade na prática pedagógica ainda mostra-se, muito distante da realidade das crianças em seu mundo.

Espera-se que este estudo tenha, então, sua importância e relevância em termos de contribuir para ampliar a responsabilidade do professor com o aluno, o qual precisa reconhecer que, no seu mundo-vida, está inserido, também, o valor de um ambiente orientador, propício à articulações que favoreçam o lapidar da personalidade, o que contribuirá para sua formação integral.

1.3.1. A Escolha do Campo de Pesquisa

Durante o percurso profissional da pesquisadora como pedagoga, atuando como supervisora educacional, sentia-se incomodada com algumas questões que se evidenciavam em relação ao comportamento envolto de sexualidade das crianças. Chamava à atenção as atitudes das crianças, muitas vezes erotizados e os desabafos de colegas das escolas por onde passou, sobre questões ligadas à sexualidade das crianças. Seu interesse aumentava quando ouvia depoimentos dessa colega referentes ao dia-a-dia escolar, tais como: condutas sexuais, como, por exemplo, a masturbação dentro da sala de aula, o envolvimento sexual entre crianças ainda muito pequenas, muitas vezes crianças do mesmo sexo, ou até mesmo a forma que alguns professores conduziam a situação com o pouco conhecimento e grande insegurança sobre a questão. Outros preferiam ignorar e fingir que não estavam a par da situação.

Esse interesse crescente levou-a a iniciar uma investigação mesmo antes de pensar na linha de pesquisa do mestrado.

O seu envolvimento inicial ocorreu em 2004, na Escola Estadual Professora Dona Preta, em Taiobeiras, Minas Gerais, uma escola localizada em um bairro muito desfavorecido economicamente. A maior parte das crianças era desassistida pela família e vivendo em situações muito precárias. Constantemente, deparava-se com situações que fugiam ao seu controle, e sentia-se imune a elas. Em todas as situações, a pesquisadora em sua função de supervisora pedagógica, atuando também como orientadora educacional, tinha em mãos conflitos que precisava direcionar, quase sempre sozinha, pois percebia a visão totalmente distorcida das minhas colegas de trabalho.

Com a autorização da diretora, realizou-se na escola uma reunião onde discutiu-se sobre a conduta sexual das crianças e sentimos a necessidade de buscar ajuda de um especialista no assunto para nos ajudar a conduzir melhor as questões evidenciadas, de modo a amenizar os transtornos causados por atitudes que, cada vez mais causava transtornos dentro da escola.

A pesquisadora acredita que neste momento a sua investigação iniciava-se.

Relembra-se que ficava durante o recreio observando o comportamento dos alunos, e freqüentemente aproximava-se deles para buscar informações sobre sua vida familiar. Visitou algumas famílias para compreender melhor a conduta dos mesmos dentro da escola. Essas observações se restringiram às turmas que correspondem do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, em que estavam os alunos entre 6 à 10 anos de idade.

Com o início do Mestrado, ficou claro que o objeto da sua investigação seria a sexualidade infantil. Após esta escolha, percebeu que a realização do projeto de pesquisa demandaria de um conhecimento mais abrangente acerca do contexto social onde estas

crianças estavam inseridas, com o propósito de conhecer seu espaço físico e a sua relação com o mesmo.

1.4 Delimitação e Alcance

O estudo se concentra na articulação do tema sexualidade dentro das salas de séries iniciais do ensino fundamental. Os resultados do estudo dizem respeito primeiramente na compreensão que os professores têm à cerca da importância deste trabalho para o desenvolvimento da personalidade humana. O que se espera é saber se os professores das séries iniciais do ensino fundamental compreendem e aplicam as Diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais quanto ao trabalho com o Tema Transversal “Orientação Sexual” dentro da sala de aula.

2. MARCO TEÓRICO

2.1. Revisão Bibliográfica

Esta seção consiste numa revisão literária sobre as variáveis do estudo, incluindo as idéias, experiências e pensamentos de autores reconhecidos no campo da pesquisa.

2.1.1. A Sexualidade Humana

Segundo Tannahil (1983), durante toda a história, a sexualidade foi considerada um tabu. O termo era associado a coisas feias, impuras, pecaminosas. Falar sobre sexo também era proibido, especialmente para crianças. Isto acabava por aguçar ainda mais a curiosidade infantil em torno da sexualidade o que, para elas era um mistério. Muitas restrições eram feitas de forma violenta e ameaçadora. O mesmo acontecia quando surgiam perguntas a respeito da concepção e nascimento dos bebês.

As perguntas eram respondidas com evasivas do tipo: “a cegonha traz os bebês”; “eles nascem dos repolhos”. Alguns pais aplicavam a comprometedoras mentiras: - A mamãe irá para a maternidade e lá o médico lhe dará um bebê de presente. Nesta explicação, o médico passava por produtor de crianças e, ao mesmo tempo, pai de todas elas.(Tannahil, 1983, p.59)

Na primeira metade do século XX, Freud (1980), realizou vários estudos sobre sexualidade humana. Estes o levaram a descrever inúmeras afirmações que escandalizaram a conservadora sociedade da época. Naquele momento, falar em sexualidade era complicado demais, principalmente em sexualidade infantil. Estas afirmações causaram muitos conflitos sociais e Freud foi apontado como um deturpador da ética social e dos bons costumes.

A teoria de Freud (1980) que existiria um período intermediário entre a infância e a idade adulta é bastante recente em termos de história da humanidade. O termo adolescência também passou a ser incorporado ao nosso vocabulário recentemente e da mesma forma que mudam as terminologias usadas no vocabulário, ocorrem mudanças no comportamento social e sexual das pessoas. Isso porque a evolução humana é feita pela própria práxis do homem, pelo seu modo de pensar, agir e se comunicar. “As pessoas produzem idéias que representam sua vida individual e coletiva assim como suas inter-relações. Contudo, tais idéias podem esconder das próprias pessoas o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas de exploração e dominação política” (Tannahil, 1983, p.42).

Para Freud (1980), tal crescimento, quando realizado de forma equilibrada, torna o indivíduo mais completo e mais satisfeito com a própria condição humana.

No mundo cada vez mais globalizado, as normas de comportamento estão em constante modificação e, neste processo os problemas ligados às questões sexuais quase sempre geram conflitos. Por esta razão, é importante pesquisar sobre a atuação dos profissionais da educação com o intuito de desenvolver propostas pedagógicas voltadas para uma demanda de atendimento específico à questão da sexualidade.

2.1.1.1. A Evolução da Sexualidade

Sabemos que o aparecimento do ser humano no planeta não tem uma data específica, e que sua evolução, de simples primata para o ser complexo que é hoje, passou por um longo processo de mutações e adaptações.

De acordo com Tannahil (1983), os primeiros homínídeos, para sobreviverem num *habitat* absolutamente hostil, contavam apenas com os sentidos, habilidades, e também com a

união do grupo, uma vez que, sozinho era quase impossível sobreviver. As disputas entre os indivíduos do mesmo grupo e de grupos distintos eram constantes. (Tannahil, 1983, p. 27)

A extensão das florestas ficou reduzida, pela escassez da água. Assim os seres vivos foram obrigados a abandonar seus espaços em busca de comida. As transformações do homem aconteceram em decorrência das intervenções ecológicas (num primeiro momento). O meio natural foi-se modificando lentamente, e provocando alterações físicas e comportamentais nos indivíduos e nos grupos. Com surgimento das savanas e a saída dos seres vivos das florestas, que se tornavam cada vez mais escassas, iniciou-se o processo da humanização.

O homem primitivo teve que adquirir um andar bípede, para adaptar-se ao terreno plano das savanas, libertando as mãos e passando a utilizá-las para outros fins. Desta forma, o homem passa a confeccionar objetos, adquire novas habilidades para caçar e modifica seu padrão alimentar, especialmente após o domínio do fogo.

Surge, então a descoberta do fogo que modifica os hábitos alimentares. O homem passa a cozinhar seus alimentos, tornando-os mais macios e de fácil digestão, provocando com isto, mudanças físicas e, conseqüentemente, comportamentais, pois, o fogo agrega os indivíduos. Em torno dele há calor e segurança para o grupo, antes desconhecida.

Assim os grupos começaram a permanecerem mais tempo num mesmo lugar, contribuindo para o surgimento das primeiras sociedades. A partir daí, muitas situações foram se adequando, como por exemplo, o desenvolvimento da linguagem e a diferenciação nos papéis sociais e sexuais. As relações também foram se modificando e foi determinada a dominação do mais fraco pelo mais forte.

Havia nítidas diferenças culturais entre os grupos: algumas tribos cobriam o corpo utilizando peles de animais, outras pintavam o corpo

com pigmentos colhidos da natureza. A comunicação entre as pessoas era mais elaborada e a atividade sexual feita de forma diferenciada (Tannhil,1983, p.58).

Cada tribo assumiu uma prática sexual. Nas tribos menos evoluídas, o ato sexual era realizado com a fêmea de “quatro”, posição semelhante àquela usada pelos animais. Podemos notar que se tratava de algo puramente instintivo, voltado para a procriação da espécie. Nas tribos mais adiantadas, a mulher passa a adotar a posição de frente para o parceiro, buscando posições mais prazerosas.

Conclui-se então que a busca do sexo por puro prazer exigia uma complexidade maior por parte dos indivíduos e até mesmo das sociedades. E como todas as práticas, a sexualidade também apresentava variações individuais e culturais, observáveis nas mais diversas esferas (Tannhil,1983, p.68).

2.1.1.2. Moralidade e Sexualidade

Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como a família, as instituições educativas, as igrejas, etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos (Foulcaut, 2007, p.26).

De acordo com a obra de Tannhil (1983),

(...) a família pré-histórica se centralizava na mulher, pois o relacionamento maternal era o único distintamente demarcado. O

papel do homem na procriação só foi descoberto posteriormente, no estágio em que as civilizações passam a viver de forma sedentária. O que hoje nos parece óbvio – a relação entre coito e concepção – só foi descoberto por volta de 9000 a.C. No decorrer dos últimos cem anos, os antropólogos ficaram surpresos entre a descoberta de tribos primitivas que ainda ignoram esta relação. (Tannahil, 1983, p. 38)

Na era paleolítica, o homem percebeu que, assim como nos animais, era natural as fêmeas humanas ficarem grávidas ou amamentando durante boa parte de sua vida adulta, como era natural para o homem e todos os demais animais entregarem-se ao ato sexual e entenderem este ato como uma realização física. Sexo e moralidade não se convergiam.

A estabilidade oferecida pelas cavernas propiciou o desenvolvimento de instituições mais amplas entre os indivíduos do mesmo grupo e entre grupos diferentes. As tribos passaram a se aproximar uma das outras e o resultado foi a ampliação dos envoltimentos amorosos.

O intercasalamento tribal era encorajado como um meio de estabelecer alianças políticas e de ajuda recíproca. Casamento entre indivíduos de diferentes tribos eram incentivados, ao passo que relacionamentos consangüíneos (incestuosos) foram desaparecendo. Neste tipo de “casamento”, não ocorre uma seleção natural e as modificações são quase inexistentes (Tannahil, 1983, p.64).

A universalidade do tabu do incesto sugere que este tenha sido fabricado no mecanismo humano desde o próprio início, sendo um tabu amplamente identificado como “natural” à humanidade, e na visão de Tannahil (1983), o incesto e não o canibalismo, foi o primeiro tabu do mundo.

Apesar das mudanças sociais e sexuais, a atividade sexual era valorizada e só passou a ser transformada em pecado muito tempo depois. Todas estas concepções e entendimento

sobre a questão da sexualidade influenciam algumas práticas correntes em nossos dias sem que muitas vezes saibamos as razões.

2.1.2. A Sexualidade segundo Sigmund Freud

Os estudos de Sigmund Freud sobre a sexualidade, na primeira metade do século XX, levaram-no a fazer uma série de afirmações que escandalizaram a sociedade de sua época. Da mesma forma que os homens dos séculos passados não poderiam sequer imaginar que o mundo atual teria tantas descobertas científicas como o rádio, a televisão e o telefone celular, os contemporâneos de Freud não podiam aceitar novas idéias sobre a importância da sexualidade na vida humana. As novas idéias são sempre combatidas ou, no mínimo, bastante questionadas quando surgem pela primeira vez. Isso acontece com mais força quando as idéias novas chocam-se com os velhos preconceitos e privilégios arraigados há muito tempo (Claret, 2004, p.125).

Quando Freud tentou ajudar os adultos a vencer suas neuroses, formulou para isto uma filosofia geral capaz de explicar como as patologias se desenvolviam e como as crianças se desenvolviam psicosssexualmente. Ele percebeu que as crianças desde a mais tenra idade, exerciam atividades sexuais e estabeleceu cinco fases dentro das quais aconteceria o desenvolvimento emocional e psicosssexual da criança.

A primeira fase foi denominada de fase oral, e inicia-se no momento do nascimento da criança. Nesta fase, a fonte de prazer está na área oral do corpo, mais precisamente na boca. A segunda fase foi denominada fase anal, onde a fonte de prazer está localizada na região do ânus. A criança sente prazer em controlar os esfíncteres. A terceira é a fase fálica, na qual a fonte de prazer é a região genital. Nesta época surge a curiosidade sexual e o interesse pela masturbação. A quarta fase é a de latência e nesta época ocorre o recalque dos

impulsos sexuais para dar espaço ao desenvolvimento de outras habilidades sociais. Corresponde ao período de melhor desempenho escolar e desportivo da criança. A quinta e última fase denomina-se genital e ocorre na adolescência, onde reaviva-se o impulso sexual e o objeto de satisfação passa a ser a outra pessoa (e não apenas o próprio corpo, como ocorre na fase fálica). Esta fase prenuncia o desenvolvimento dos relacionamentos sexuais dos adultos (Mielnik, 1990, p.61).

De acordo com Claret (2004), os pressupostos freudianos, apesar de terem causado enorme impacto, depois de determinado tempo foram incorporadas pela sociedade ocidental, sendo suas idéias assimiladas como verdades inquestionáveis por muitos profissionais em diversos países.

Freud foi o primeiro a constatar que a sexualidade infantil e juvenil apresenta um quadro distinto da sexualidade do adulto, e que o desenvolvimento psicosexual do indivíduo passa por fases desde o nascimento até a maturidade.

Em sua obra *“História do movimento psicanalítico”*, Freud (1914), declarou que a teoria da repressão era uma pedra angular a qual repousava toda a estrutura da psicanálise. A condição para a repressão é a força motora do desprazer, e por isto sua essência consiste simplesmente em afastar determinada coisa que cause desprazer, mantendo-a a distância. O processo de repressão é extremamente flexível, tem muita mobilidade. O conteúdo reprimido exerce uma pressão contínua sobre o indivíduo, e esta pressão tem que ser equilibrada com uma força contrária incessante. Assim, a manutenção de uma repressão acarreta ininterrupto dispêndio de força, ao passo que sua eliminação, encarada sob ponto de vista econômico resulta numa poupança de energia.

Segundo Claret (2004), pode dizer que Freud é um autor muito importante pelo pioneirismo de seus constructos para se discutir e entender a sexualidade.

2.1.3. Foucault e a Sexualidade

Na visão de Foucault (1994), o século XVII vai assinalar o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas e da qual talvez ainda não estejamos liberados completamente. Dominar o sexo seria, a partir deste momento, mais difícil. É como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem.

Esses três últimos séculos, com suas contínuas transformações, permitem-nos observar que, em torno do objeto sexo, há uma verdadeira exploração discursiva. Definiu-se de maneira mais restrita, onde e quando não era possível falar de sexo, e em quais relações sociais. Ficou estabelecido um silêncio absoluto entre pais e filhos. Em compensação, à nível dos discursos e domínios, o fenômeno é quase inverso. Sobre o sexo, os discursos proliferam e uma fermentação discursiva se intensificou a partir do século XVIII.

Segundo Foucault (1994), a contra-reforma se dedicou, em todos os países católicos, a impor a cada cristão regras meticulosas de exame de si mesmo. Atribuiu a cada um dos desejos da carne outras regras no jogo das confissões e na direção espiritual. O sexo, segunda a nova pastoral, não deveria ser dimensionado sem prudência. A moralidade cristã inscreveu como dever fundamental a tarefa de fazer com que tudo que se relacionasse ao sexo, passasse pelo crivo das palavras. O fato é que todas as regras e censuras não conseguiram controlar a sexualidade e esta continuou imperando.

Na verdade, de tanto falar em sexo, descobri-lo, classificá-lo e especificá-lo, procurar-se-ia mascará-lo. Pelo menos até Freud, o discurso sobre sexo não teria feito mais do que ocultar continuamente o que dele se falava. O simples fato de falar nele, sob o ponto de vista neutro da ciência, já é em si bastante significativo.

Historicamente, existem dois tipos de procedimentos para se produzir a verdade sobre o sexo. Por um lado, as sociedades que se dotaram de erotismo, e foram numerosas as que seguiram este caminho. Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência, e não por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido. Por outro lado, estão as sociedades nas quais existe a ciência sexual, para dizer a verdade sobre o sexo. Nossa sociedade carrega o emblema do sexo que fala, que pode ser, afinal, interrogado e surpreendido, contraído e volúvel ao nosso tempo. Mas nem por isto a curiosidade sobre o tema diminuiu, ao contrário, parece-nos que os questionamentos foram aguçados.

Segundo Foucault (1994), a sociedade capitalista não obrigou o sexo a calar-se. Ao contrário, desde meados do século XVI – processo que se intensifica a partir do século XIX com o nascimento das ciências humanas – o sexo foi incitado a se manifestar, especialmente através dos discursos. Discursos que se inserem de diferentes maneiras nas diversas instituições como a igreja, a escola, a família, o consultório médico, e nos saberes como, a demografia, a psicologia, a psiquiatria. Contudo, a produção discursiva nem reduziu, nem proibiu as práticas sexuais, ao contrário, acabou por incitá-las.

A sexualidade é reduzida ao silêncio. Isto é a repressão e ela funciona condenando atos, palavras e ações ao desaparecimento, mas também pode ser a afirmação da inexistência, a injunção ao silêncio e, conseqüentemente, a constatação de que não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas, porém forçadas a algumas concessões. Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que o façam noutra lugar, no qual não incomodem tanto, e possam ser reinscritas nos circuitos da produção e do lucro. Fora destes lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição.

Em suma, trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder – saber – prazer que sustenta entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana. Daí o fato de que o ponto essencial da questão é levar em consideração o fato de se falar de sexo de quem fala, os lugares e os pontos de vista falados, as instituições que incitam a fazê-lo, ou seja, o “fato discursivo global”, a “colocação do sexo em discurso. Daí decorre a importância de saber sob quais formas, através de quais canais, fluindo através de discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano provocando efeitos que podem ser de recusa ou de intensificação.

Os temas trazidos por Foucault (1994), entre eles o discurso, o dito e o não dito, a hipótese repressiva, são importantes para analisar a implantação do tema transversal relacionado à sexualidade nas escolas, uma vez que o falado, assim como o silêncio escondem e evidenciam práticas adotadas nas escolas alunos e professores em relação ao tema sexualidade.

2.1.4. A Contribuição de Pierre Bourdieu

Bourdieu pertence ao grupo de cientistas sociais contemporâneos que ascenderam à condição de liderança intelectual pelos caminhos da promoção escolar garantidos por um sistema público de ensino. Ao atribuir maior ênfase na reprodução das relações sociais defende a existência de um *habitus* incorporado pelos agentes como esquemas de apreensão de uma estrutura objetiva. Este é construído no interior de um campo social onde os agentes ocupam determinadas posições segundo a distribuição dos diferentes tipos de capital (econômico e o cultural), e que são reveladoras de relações de dominação. Nesta perspectiva cabe-se perguntar sobre o lugar da mudança social na teoria bourdieusiana.

Em sua obra, Bourdieu (1975) deu impulso vigoroso à tradição de construir um objeto próprio no domínio da sociologia da cultura, reinventando temas e modos de tratamento manejados por tradições intelectuais vizinhas (a crítica literária ou a estética filosófica entre outras) e, ao mesmo tempo levando a melhor sobre os resultados de alguns de seus desafiantes. Trouxe sua contribuição à frente renovadora da ciência social contemporânea, explorou fontes documentais até então desconsiderados como fatos.

Os estudos de Bourdieu acentuam, sobretudo, a dimensão social em que as relações entre os homens se constituem relações de poder, mais ainda, elas reproduzem o sistema objetivo de dominação interiorizado enquanto subjetividade. A sociedade é desta forma apreendida como estratificação do poder. A reprodução da ordem não se confina apenas aos aparelhos coercitivos do Estado ou às ideologias oficiais, mas se inscreve em níveis mais profundos para atingir inclusive as representações sociais ou as escolhas estéticas. Ela é, neste sentido, dupla e se instaura objetivamente, pois a toda ideologia compõe um conjunto de valores, mas também uma forma de conhecimento. Porém, no momento em que a análise nos desvenda da reprodução da ordem, surgem perguntas inquietantes:

- De que maneira pode-se descrever a transformação numa estrutura como a escola?
- Qual a melhor forma de compreender as barreiras de inserção da Orientação Sexual na escola, mesmo com o amparo legal?⁴
- Se existe uma legislação vigente para que as este tipo de trabalho aconteça no âmbito escolar, o que continua impedindo ou mesmo dificultando?

⁴ De acordo com a Lei n° 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais traçados pelo MEC, a Orientação Sexual deverá ser inserido na escola como Tema Transversal. Isto significa que deverá perpassar todas as disciplinas da grade curricular.

Bourdieu utilizou-se da idéia de *habitus* para tentar compreender as razões, as dificuldades encontradas por professores em abordar as questões relacionadas à sexualidade de forma mais aberta e transversal dentro da escola. Para Bourdieu (1975), o *habitus* se define pela tendência dos sujeitos à reprodução. Seria a mediação entre o agente social e a sociedade, necessariamente no interior de um ciclo de reprodução.

Em “*A Reprodução*”, Bourdieu e Passeron (1975), mostrou como a escola está organizada para produzir as concepções, os valores, e a ideologia dos grupos sociais dominantes, de uma tal maneira que todas as atividades pedagógicas que se realizam na instituição escolar estariam contribuindo para o fortalecimento da ordem socialmente imposta. Estes autores nos mostram que a escola não é uma instituição neutra, mas sim uma estrutura a serviço das classes dominantes – o que se pode perceber pela análise dos conteúdos que ela privilegia.

Segundo Bourdieu (1975), *habitus* é o conjunto de disposições estruturantes no agente, segundo a maneira pela qual ele interiorizou as estruturas objetivas em que viveu num processo de socialização determinado. Essas disposições estruturam as categorias de percepção que, por sua vez, orientam a ação do agente. A capacidade de determinação do *habitus* sobre o comportamento do agente é ainda maior quando este se encontra inserido em estruturas objetivas compatíveis com que o *habitus* interiorizado, o que reforça a estruturação do mesmo. Em contrapartida, um *habitus* interiorizado durante um dado período de socialização, pode ser reforçado ou enfraquecido por outros processos vivenciados pelo agente.

Uma das grandes preocupações que estes dois autores tem tido com o sistema de ensino e conseqüentemente com a conduta dos professores está diretamente relacionada à dimensão social que este sistema fornece para a formação de um *habitus*. Através deste, o

passado do agente sobrevive no momento atual, atualizado no presente e tende a subsistir em suas ações futuras.

Habitus são sistemas de disposições duráveis e transferíveis, estruturadas e estruturantes do agente⁵. O *habitus* enquanto produto da história orienta as práticas individuais e coletivas. Ele tende a assegurar a presença ativa das experiências passadas que depositadas em cada indivíduo sob a forma de esquema de pensamento, percepção e ações, contribuem para garantir a conformidade das práticas e sua constância através do tempo (Bourdieu e Passeron, 1975, p. 61).

A cultura escolar, enquanto uma das agências formadoras do *habitus* (ele destaca também a importância do *habitus* transmitido pela família, enquanto elemento ordenador da experiência do real) propicia aos indivíduos a ela submetida, um corpo comum de categorias de pensamento, de código comum, de percepção e apropriação que tendem a funcionar como forma de classificação dos homens e das coisas. O saber escolar separa os indivíduos que estiverem expostos à ação daqueles que, por razões diversas, foram excluídos de sua influência sistemática e contínua. Isso significa dizer que o sistema escolar proporciona aos sujeitos, muito mais do que esquemas de pensamentos particulares e distintos, mas um sistema complexo de disposições, capaz de funcionar como estruturas classificatórias, possíveis de serem aplicadas nas mais diversas situações.

Segundo Ortiz (1980), Bourdieu descreve e entende os mecanismos pelos quais a escola mantém a herança cultural, compreendendo assim o fracasso e o sucesso escolar,

⁵ Bourdieu utiliza a denominação agente no lugar de indivíduos. Numa etapa anterior ao estruturalismo, o sujeito era visto como atuante dentro do sistema interativo e cognitivo existente. A história era uma sucessão de acontecimentos a fim de dar sentido a uma determinada realidade, ou seja, numa contextualização do indivíduo, numa concepção diacrônica. O estruturalismo rompe com o conceito do sujeito, fazendo desaparecer o agente histórico. É a negação do sujeito como atuante na estrutura, pois para os estruturalistas, a própria estrutura desempenha esse papel.

deixando de tratar como dons naturais aquilo que é assimilado culturalmente, entendendo melhor as dificuldades encontradas para trabalhar a sexualidade como tema transversal na escola.

Ao abordar os fundamentos teóricos de Bourdieu para o campo escolar, observa-se que existe uma nítida diferença entre as perspectivas de alunos e professores quanto ao tema sexualidade. Aquilo que os alunos necessitam receber como orientação sexual, não está sendo feito pelos professores que, de certa forma, detém o controle do processo pedagógico na escola.

2.1.5. Educação Sexual: uma preparação para a vida

A sexualidade é um processo contínuo e inerente a formação humana. Está intimamente ligada ao desenvolvimento da vida psíquica dos indivíduos pessoas.

Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disto, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então como singularidade de cada sujeito. Indissociavelmente ligado a valores, o estudo da sexualidade reúne contribuições de diversas áreas, como Educação, Psicologia, Antropologia, História, Sociologia, Biologia, Medicina e outras. Se por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural. Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Isso se dá num processo social que passa pelos interesses dos agrupamentos socialmente organizados e das classes sociais, que é

medida pela ciência, pelas políticas públicas, coordenadas pelo Estado (Brasil, Ministério da Educação e Desporto, 2007, p. 295).

Segundo o Dicionário de Psicanálise (1981, p. 401), “A palavra sexualidade não significa somente um prazer dependente do funcionamento da parte genital, e sim a toda uma série de excitações e de atividades, existentes desde a infância que produzem um prazer, e não podem reduzir-se a satisfação de uma necessidade fisiológica (alimentar, respirar, dormir, etc...) e que se encontra também a título de componentes em uma relação de amor”.

Como é sabido, a psicanálise atribui uma grande importância a sexualidade no desenvolvimento da vida psíquica do ser humano. Ao se falar em sexualidade infantil, pretende-se reconhecer, não somente a existência de excitações ou de necessidades genitais precoces, mas também a busca de satisfação de um prazer como por exemplo a sucção. Neste sentido os psicanalistas falam das fases da vida onde atitudes sexuais são pertinentes como, por exemplo, a fase anal e a fase oral.

Esta ampliação do campo da sexualidade nos remete inevitavelmente a Freud para entender a relação humana, relação esta estabelecida entre o sujeito/sujeito, sujeito/objeto de desejo, sujeito/contexto social.

Para Freud (1923), a maneira como somos, como pensamos, como nos vemos e como nos comportamos é produto de uma relação entre consciente e inconsciente. Somos, portanto, dirigidos por determinações alheias à nossa vontade, por serem comandadas pelo nosso eu interior. O funcionamento intelectual da criança é regido pela tensão entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, isto é, pela busca inconsciente do prazer ilimitado e pelos limites da realização possível.

2.1.5.1. Conceito de Educação Sexual

Denomina-se educação sexual para dar significado ao aprendizado necessário, automático, constante e inconsciente de inúmeras atitudes e noções sexuais, tem seu início a partir do nascimento.

A educação Sexual é, na realidade, um processo e um sistema de transmissão de conhecimento. Popularmente, educação significa, muitas vezes, cortesia e boa conduta. Ter educação quer dizer saber se comportar, utilizando das normas e regras sociais dentro do seu contexto.

Como todo e qualquer setor da cultura humana, o setor do sexo torna-se necessário a intervenção do ambiente educativo, estabelecendo-se assim, as fontes e causas do sistema educativo peculiar a cada criança. De um lado encontramos a sociedade organizada, empenhada em transmitir à criança conhecimentos certos ou errôneos (noções, imagens, superstições, ameaças, crendices, boatos, informações, etc) referentes ao sexo; do outro, teremos a criança seguindo as próprias inclinações e pendores de sua personalidade (Mielnik, 1990, p. 15).

A educação sexual e os sentimentos e emoções, ministrados ambos de maneira elevada e, ao mesmo tempo acessível à criança, quando se manifestam os primeiros impulsos de vida sexual, fornecerão à criança meios e instrumentos para o controle adequado à sublimação necessária dessa energia instintiva. A criança torna-se, assim, um indivíduo maduro e útil à sociedade.

De acordo com Mielnik (1990), a sociedade humana oferece apóio incondicional as atividades comerciais e industriais. Estas, infelizmente, atuam através de estímulos sobre o público, estímulos estes que na maioria exploram o aspecto sexual. Desde cedo, a criança vê-

se solicitada, no mundo dos adultos, através dos meios de comunicação, que procuram despertar a malícia e visam destruir a pureza infantil, numa idade desprovida ainda de defesas contra essa espécie de agravo sexual.

A educação sexual, sempre colaborando com a solidez moral do caráter, procura prevenir esse aspecto corrupto da publicidade social, visando um ensinamento de valores morais e éticos elevados, a necessária resistência à corrosão psíquica da propaganda através do sexo.

O alvo desejado no preparo sexual da criança é o de conseguirmos que o indivíduo obtenha um desenvolvimento psicosexual normal, atingindo a maturidade com bom ajustamento sexual. A escola, por sua vez, não está apenas encarregada de transmitir instrução: ler, escrever e contar, mas também é responsável por formar grande parte da sua personalidade e todos reconhecem a influência importantíssima do professor sobre seus alunos (Mielnik, 1990, p. 23).

Muito diferentes, são as atitudes adotados por pais e professores na consideração do assunto. É freqüente pais que desleixam na educação sexual das crianças e insistem com os professores a cerca da responsabilidade da escola no preparo sexual. Por outro lado, encontram-se professores completamente tolhidos ou tímidos, inteiramente inaptos para esta função, negligenciando esplendidas oportunidades de ocasionar maior entendimento dos alunos acerca do desenvolvimento do próprio corpo.

Segundo Brasil, Ministério da Educação e Desporto (2007), o respeito que votamos ao corpo humano não deve excluir os órgãos genitais, os fenômenos biológicos da fecundação, etc. A criança deve aprender a considerar com a mesma seriedade e importância os órgãos genitais como o pulmão, o coração, o cérebro etc. Sendo assim, não deve haver embaraço ou timidez em se tratando de perguntas que abordem regiões do corpo humano. Não

respondendo com escassez nem exagero ao que foi perguntado estará instruindo a criança o que abordará uma noção justa e comedida da importância, seriedade e respeito com que se deve encarar os assuntos do sexo. Jamais deve-se prejudicar a pureza infantil desrespeitando a sua avidez de saber e formar, totalmente isenta de maldade, pela qual pergunta.

Muitas manipulações e experiências infantis, no terreno sexual, são consideradas como manifestação de imoralidade, indecência, taras ou vícios sexuais. Segundo Mielnik (1990), tal atitude é digna de lástima, pois demonstra ignorância e pode traumatizar o bom desenvolvimento da criança. Frequentemente, tais manipulações, apalpações e experiências não passam de fases transitórias e normais do processo de desenvolvimento psicosexual infantil. Estas atividades devem ser consideradas e valorizadas pelo que realmente significam, não apresentando as implicações sexuais que teriam os mesmos atos, se praticados por adultos. Muito se poderia conseguir, quando os educadores procurassem melhorar suas fontes de conhecimentos, passando a encarar tais situações infantis com naturalidade .

É muito interessante para a criança praticar a auto-análise, conhecer o seu corpo, as suas sensações. O sexo não é, certamente, o único ou o mais importante setor a vida humana, contudo, é bastante necessário e destacado para fazer parte na formação de uma personalidade sadia e equilibrada.

Para Mielnik (1990), a educação sexual contribui para manter elevados os princípios da ética, da moral e do respeito humano, além de buscar o equilíbrio entre a valorização do prazer e a ação cooperativa e voluntária. Aprendendo a conviver, sabendo de que maneira ajudar os demais, organizando-se em ações voluntárias para atender a uma causa justa, o aluno estará aprendendo a dar voz ativa, ainda que simbólica, a seus sonhos e a seus devaneios, o que contribuirá para uma ampla compreensão da realidade onde está inserido.

2.1.5.2. Infância e Sexualidade

Freud, no início de suas pesquisas, acreditava que a sexualidade humana só se desenvolvia na puberdade, período em que o organismo poderia procriar. Entretanto ele começou a rever estas questões com estudos sobre a sexualidade infantil. As pulsões sexuais que são vividas livremente pelas crianças e experimentadas à parte não havendo ainda um objeto sexual.

A pulsão sexual tal como vemos em ação em um adulto é composta de pulsões parciais, cuja ação se observa nas preliminares do ato sexual. Cada pulsão se liga ao prazer extraído do órgão a que estiver vinculado. Exemplo: olho, no caso da contemplação; genital próprio, no caso da masturbação; boca, no caso da sucção do polegar; ânus, no caso da defecação (Kupfer, 1997, p. 38).

Como há ausência do objeto sexual, a pulsão sexual não possui outros fins senão os propriamente sexuais e é passível de sublimação. É aí que interessa ao educador cuja interferência, segundo Freud (1982), teria seu papel primordial.

Na descoberta do prazer, é normal a manipulação do próprio corpo com crianças ainda bem pequenas. Os pais devem ter em mente que a masturbação faz parte do processo do auto-conhecimento. Os atos infantis não devem ser vistos, comparando-os com a dos adultos. A criança não faz nenhuma relação com o sexo em si, ela apenas sente prazer. Mais tarde poderá sentir-se culpada por ter sido desaprovada e esta culpa poderá ser levada para sua própria experiência sexual.

No texto de Freud “Esclarecimento sexual das crianças” em resposta a uma carta do Dr. M. Fürst, ele afirma que as crianças devem receber educação sexual assim que demonstrem algum interesse pela questão (Kupfer, 1997, p. 40).

Pais que tiveram uma educação rígida normalmente possuem dificuldade em lidar com este tipo de assunto. Muitos possuem uma sexualidade problemática, mal resolvida e não sabem como ajudar seus filhos. Como diz Marta Suplicy (1983),

A grande maioria dos pais busca uma receita perfeita, uma resposta fácil para baixar sua ansiedade diante da situação que eles estão vivendo (Suplicy, 1983, p. 34).

De um lado podemos encontrar aqueles pais que fingem nada estar acontecendo com receio de enfrentar a situação. De outro estão os superprotetores que querem saber tudo sobre o filho. Os pais devem ter em mente que não existe uma receita pronta. Para falar de sexo com crianças é preciso, antes de tudo, criar um ambiente favorável, onde ele se sinta seguro, tendo liberdade sem correr o risco de ser reprimido.

De acordo com Vygotsky (1992) , o comportamento do ser humano é construído a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e o contexto cultural onde está inserido. Cada indivíduo tem suas próprias experiências que lhe são singulares e de acordo com estas, novas formas de comportar-se vão sendo construídas e exploradas. As crianças recebem então, desde muito cedo, uma qualificação, onde o desenvolvimento não é um processo previsível, universal ou linear, ao contrário, ele é construído no contexto, na interação. O meio exerce uma grande influência na formação da personalidade humana. Cada um comporta-se de acordo com o seu meio. Desenvolver-se em uma sociedade que tem escola é diferente de desenvolver-se em uma sociedade que não tem.

2.1.5.3. Educação Sexual na Escola

A educação escolar não pode selecionar setores de atividade. Antes de tudo, deve priorizar uma educação integral, unitária, inclusiva.

A Orientação Educacional desenvolve papel de articulação e interação entre toda a comunidade escolar, observando-se ainda a sua atuação como elemento integrante do grupo de gestão escolar, no processo de desenvolvimento do projeto político pedagógico.

É imprescindível um trabalho de conhecimento e reconhecimento das demandas sociais, políticas que interferem nas relações e organizações de vida dos alunos. Sendo assim, ao Orientador Educacional compete organizar o processo educativo pedagógico integrado à realidade sócio-cultural, favorecendo o desenvolvimento do ser cidadão (Mielnik, 1990, p.95).

O diagnóstico é um ponto primordial para a percepção da situação em que se encontram os alunos, porém faz-se necessário ainda planejar ações que contribuam para a intervenção consciente e conseqüente construção desse ser social. Nenhuma informação solicitada pelas crianças, deve ou pode ser ignorada pelos professores. Como se ensina Ciências ou Matemática, com simplicidade e honestidade, também deve ser ensinada a Sexualidade Humana. Como se fala em respiração, digestão, circulação, pode-se e deve-se falar de produção, como sadia satisfação da curiosidade inata a respeito da origem humana e de seu desenvolvimento.

A instituição escolar deve assumir a formação moral das crianças. Os professores transmitem aos alunos suas experiências de vidas: hábitos, filosofia de vida, crendices, tabus etc., o que referenda-se ao currículo oculto⁶, o que não está explícito nos programas ou currículos formais. Devem também buscar a efetivação de uma educação escolar numa perspectiva verdadeira em todos os sentidos.

⁶ Suposições em sala de aula que não são planejadas, pelo próprio fato de serem tácitas e incidentais. Dessa maneira, um tema importante ou um assunto de interesse fica sujeito a um acontecimento para vir à tona. Refere-se as ideologias que encontram-se nas entrelinhas durante as aulas ministradas.

Resultados de pesquisa que foram realizadas com professores sobre educação sexual, apontaram para a necessidade de sua formação exigindo, desta forma, o desenvolvimento de programas adequados à sua capacitação nesta área. Obviamente tais resultados eram esperados, uma vez que as Faculdades de Educação e os cursos de formação de professores de 1º e 2º graus pouco ou nenhum preparo propiciam em relação à sexualidade humana, com enfoques multidisciplinares (Fagundes, 1995, p. 21).

Atualmente constata-se que as instituições escolares ainda não se prepararam para enfrentar as questões inerentes a sexualidade infantil e, não havendo a orientação adequada, haverá uma repercussão bastante negativa na vida do aluno. Todos os profissionais envolvidos no processo educativo precisam assumir uma postura positiva mediante o assunto. Por exemplo, um funcionário da limpeza que pega duas crianças no banheiro, mexendo em seus órgãos genitais, ou um mexendo no outro, ou quando pega duas meninas se beijando, ou um casal se acariciando. Será que esta pessoa está preparada para lidar com esta situação? Que procedimento ela deveria tomar? Uma pessoa despreparada teria como reação imediata espantar-se, mencionar palavras que possam humilhar, ou mesmo espalhar entre outros funcionários ao invés de encaminhá-los ao setor de orientação para que o orientador possa conversar, explicar as diferenças entre meninos e meninas, falar da homossexualidade, enfim, abordar o fato de maneira natural de modo a auxiliar as crianças a conhecer atitudes positivas em relação ao sexo. A escola deverá estar atenta a estas situações, que poderão ocorrer em qualquer idade, e preparar seus funcionários para enfrentá-las sem espanto, desde os auxiliares da limpeza, porteiros, recepcionistas, secretárias enfim, todo corpo de funcionários (Fagundes, 1995, p. 38).

Os métodos pedagógicos sofreram grande alteração nos últimos anos. Grande parte da orientação sexual versava sobre a patologia e

sintomas das doenças. Com o indiscutível progresso das ciências médicas, a orientação adotou novos rumos. Sem fugir às considerações de elevada ordem ética e moral, os ensinamentos são dados em ambiente psicologicamente mais sadio, mais arejado. (Fagundes, 1995, p. 59).

Atualmente vem surgindo grandes novidades no campo da orientação sexual, contrapondo-se ao antigo pensamento, onde havia unanimidade de teorias e atitudes. O professor das séries iniciais, técnico em pedagogia, interessado em contribuir com a formação ética dos seus alunos, vê-se solicitado a atuar como orientador nas diversas situações cotidianas e vivências psicológicas que emergem no âmbito escolar. Dentre estas, estão as de ordem sexual, em que o professor, com bom senso e respeito pela criança, deverá fornecer esclarecimentos que contribuam para a melhoria e desenvolvimento do espírito infantil.

Segundo Mielnik (1990), a educação sexual que a criança recebeu em casa, traz o cunho, a marca, a propriedade específica e particular dos pais. É a atitude peculiar a este ou aquele lugar. Os pais educam as crianças quase sempre a partir do ponto de vista “subjetivo”: meu filho, minhas idéias, o que eu acho, o que eu penso.

A escola deve encarar as situações de modo objetivo. Sua orientação visa, pois, o preparo da criança, não dentro de uma situação subjetiva e específica, e sim geral, ampla e principalmente levando em conta o contexto social. A escola funciona como uma pequena sociedade, e as relações infantis escolares podem ser consideradas como o embrião de reações e atitudes sociais.

Segundo Foucault (1999), no mundo antigo, a bissexualidade era socialmente aceita e o homossexual considerado. Pesquisas antigas e recentes deixaram evidentes práticas e rituais de iniciação homossexuais entre jovens, os quais também existiram na Grécia, em Roma e

outros povos. Ao longo da história a homossexualidade, foi sendo associado à doença, à perversão ou à criminalidade.

Através de dados históricos podemos notar como o preconceito contra o homossexual (homofobia), foi gradativamente marcado por constantes mudanças sociais. Inicialmente, no conhecimento europeu religioso, de vertente Abraâmica (Judeus, Cristãos e Islâmicos) a sexualidade foi e ainda o é, em alguns casos, vista como algo pecaminoso. No século XIX, a partir da instauração da credibilidade na ciência e, por conseguinte, da medicina, a homossexualidade será considerada uma doença. Cria-se, nessa época, as denominações hétero e homossexual, sendo que essa última passa a ser diagnosticada como distúrbio de personalidade (Foucault, 1990, p. 85).

É difícil falar, em sala de aula, sobre homossexualidade quando, na visão do professor, os alunos ainda não se encontram amadurecidos para entender tal processo. Quando existe um aluno com evidências homossexuais dentro da sala, é importante um trabalho bem planejado para que esta criança possa ser aceita entre os colegas, sem discriminação, evitando, desta forma, piadas e risos que machucam e levam à baixa auto-estima, podendo ter, como consequência, baixa no rendimento escolar. O orientador deverá incluir na sua fala temas como respeito e preconceito.

O abuso sexual infantil é outro tema bastante delicado para se discutir em sala de aula. Em sua grande maioria, a vítima não sabe reconhecer o abuso e conseqüentemente não saberá proteger-se. A vítima sente vergonha, insegurança, medo e culpa pela situação achando que ela provocou o abuso.

Segundo dados do IBGE (2008), este tipo de abuso parte de pessoas muito próximas como padrastos e até mesmo o pai ou irmão. Os danos causados não ficam apenas no âmbito físico. Ocorrem danos principalmente psicológicos prejudicando o desenvolvimento de sua

personalidade. Em geral os sintomas são aparentes: relaciona-se mal e pouco com outras crianças, demonstra timidez, depressão e insegurança; apresenta, muitas vezes, nervosismo, comportamento compulsivo e distúrbios de sono.

Desta forma o professor precisa preparar-se para abordar esta questão. É necessário informar, discutir, ouvir e orientar falando de forma clara para que possam compreender que é algo errado, que a pessoa não deve se sentir culpada pelo que está acontecendo e a importância da denúncia, sem, no entanto mencionar o nome da vítima.

De acordo com Fagundes (1995), os professores também devem evitar emitir seus próprios juízos de valores e opiniões como verdade absoluta. Sabemos que é impossível ficar totalmente isentos de opinar e nem devemos, mas é importante que as questões sejam lançadas, refletidas, discutidas, sem que apenas uma resposta fique como a correta. Esclarecer os limites também faz parte do papel do orientador. Este deve mencionar algumas questões importantes como o que se pode fazer em locais públicos e privados para que a intimidade seja preservada. Isso cabe principalmente às crianças que ainda não possuem esta noção bem definida.

Com um olhar mais aguçado, o professor poderá perceber a inquietação do aluno. Situações como encontrar pornografias nas portas dos banheiros, nas carteiras, agressividade utilizando-se de palavrões relativos ao sexo já merece uma atenção especial. São formas que o adolescente utiliza para expressar seus medos, angústias e distorções. Cabe ao professor, esclarecido e consciente de seus deveres, ajudá-los na superação desta fase tão difícil para muitos tendo como objetivo o esclarecimento e amadurecimento do indivíduo.

O objetivo da educação sexual na escola consiste em colocar professores com um preparo adequado e desempenhar de forma significativa seu papel, ajudando os alunos a superarem suas dúvidas, ansiedades, angústias, pois, segundo Marta Suplicy (1993), a criança

chega na escola com todo tipo de falta de informação e geralmente com uma atitude negativa em relação ao sexo. As dúvidas, as crendices e posições negativas serão transmitidas aos colegas.

Educação sexual não significa apenas passar informações sobre sexo. Significa também o contato pessoa/pessoa, transmissão de valores, atitudes, comportamentos. É importante observar se estes educadores estão preparados psicologicamente para falar sobre sexo. Muitos destes não possuem a própria sexualidade bem resolvida, tendo problemas ou angustias em relação ao sexo. Em seu discurso, certamente passarão um tom de frustração e inquietação. As pessoas encarregadas de orientação sexual na escola devem ter autenticidade, empatia e respeito. Cabe à escola preencher lacunas de informações, erradicar preconceitos e possibilitar as discussões das emoções e valores (Suplicy, 1993, p.57).

Segundo Kupfer (1997), Freud, em seu livro *Etiologia Sexual das Neuroses* (1989), já mencionava a necessidade de mudanças dizendo que seria necessário mudar muitas coisas. Mas é preciso, sobretudo dar lugar à discussão dos problemas da vida sexual junto à opinião pública. Terá que ser possível falar dessas coisas sem sermos considerados um fator de problemas ou alguém que explora os instintos mais baixos. E aqui também há muito que fazer para que no decorrer dos próximos anos nossa civilização aprenda a se compor com as exigências de nossa sexualidade. E nisto a escola deve contribuir, abordando o assunto com respeito e o preparo necessário para conduzir o aluno a um percurso tranqüilo e consciente das suas escolhas, respeitando os demais que divergem de suas opiniões sobre as condutas inerentes ao seu desejo.

A escola na sociedade escolarizada é um lócus cultural extremamente importante para a definição dos rumos do desenvolvimento e a intervenção pedagógica é essencial na definição do desenvolvimento do sujeito.

Para se efetivar um trabalho levando em consideração a totalidade do aluno, além de considerar a sua relação com a escola e a sociedade, com seus determinantes econômicos e políticos, é relevante contemplar a dimensão da sexualidade infantil, negada historicamente. Este, deve para romper o mito do ser humano como um ser assexuado até a adolescência. A escola deve propiciar interações necessárias para que a sexualidade se desenvolva em uma dimensão afetiva e prazerosa, rompendo com a tradição judaico-cristã de negação do corpo e dos desejos.

Segundo Paulo Freire (1996), a cultura tem os seus agentes culturais que são os professores, mas eles muitas vezes não se dão conta disto.

É preciso usar a *Pedagogia do bom senso*, tão discutida por Paulo Freire (1996). É preciso estar atento ao que falar, como apresentar, discutir questões muitas vezes trazidas através da história de vida dos alunos e do próprio professor. É essencial que se tome cuidado para que cada intervenção no grupo não se torne uma “invasão”, principalmente em se tratando de temas, que dizem respeito, ao mesmo tempo, ao âmbito individual e coletivo. Esses limites precisam ser estabelecidos, respeitando os estilos de vida, opções, valores e buscando, como principal objetivo, a qualidade de vida para os alunos e toda a comunidade escolar.

A Orientação Sexual então passa a ter um diferencial com relação aos demais temas transversais, se permitindo entender que a busca do prazer é uma dimensão saudável da sexualidade humana. Esse prazer não pode estar desvinculado de sentimentos, de emoção.

A emoção pode ter tantos efeitos organizadores e desorganizadores sobre o comportamento. Pode perturbar o comportamento corrente, mas pode também gerar novas formas de comportamento, no sentido do objetivo. Não se pode ignorar que as reações emocionais em nível do organismo são aprendidas, ou seja, a cultura “escolhe” algumas

formas mais adequadas a determinadas situações ou tipo de pessoas - idade, sexo, posição social (Murray,1986, p. 80).

De acordo com o MEC (1997), trabalhar com Orientação Sexual implica ampliar um conhecimento mais profundo dessas questões, o desenvolvimento do trabalho não pode ser de forma meramente conteudista ou informativa, pois se faz necessário reconstruir e ter um entendimento maior das nossas próprias crenças e valores, dos nossos conceitos e preconceitos, trabalhar um novo olhar. Entender o processo histórico, social que trouxe para a escola a temática, mesmo que seja, de forma transversal.

Em contrapartida, a instituição escolar, por ser um espaço que ocupa lugar privilegiado precisa promover atividades educativas dirigidas não só aos alunos, mas também aos seus responsáveis. Apenas informar não é suficiente, é preciso problematizar, produzir debate e gerar reflexão. Propor ricas discussões em grupo, propiciar elementos de discussão numa área, em que se faz necessário trabalhar com diversos aspectos. Assumir uma postura aberta sem deixar de ser científica, abrir espaço para que todos possam expressar-se dizendo o que pensam e o que sentem. Nesse processo de reflexão busca-se a autonomia, entendimento da condição humana e possibilidade de fazer escolhas que sejam mais conscientes.

O trabalho consciente da Orientação Sexual, dentro do espaço escolar, para administrar e resolver questões de conflito no cotidiano educacional, evidencia-se que a base dos principais problemas existentes estão diretamente ligados as dificuldades de relacionamentos. Um programa de prevenção, ou melhor, de promoção de saúde social, visa a amenizar as incidências ou mesmo poder entendê-las com mais clareza, possibilitando uma atuação mais eficaz.

2.1.5.4. A Sexualidade do Professor

Cabe à escola, na pessoa do professor, abordar os diversos pontos de vista, valores, crenças e atitudes a respeito da sexualidade, sem emitir juízo, para auxiliar o aluno a refletir sobre a temática, e assim elaborar a própria opinião. É uma forma diferente da usada pelos pais, que dão o direcionamento para que os filhos ajam como eles esperam, sem proporcionar, por vezes, momentos de reflexão.

A importância da figura do professor no processo de Orientação Sexual é privilegiada, pois seu papel não se restringe apenas ao domínio de uma área ou campo de conhecimento. E quanto à formação do professor? Quais os atributos necessários ao professor para trabalhar a sexualidade na escola?

Na visão de Kupermann (1999), o professor precisa dispor do acolhimento suficiente de modo a permitir a emergência da confiança necessária à abordagem franca das questões e dificuldades que eles vivem em relação à sexualidade. A prática do professor deve ser semelhante à do psicanalista perante seus pacientes: acolhimento e tato no que tange às questões pessoais. O professor não deve esquecer que também já foi criança e viveu experiências que seus alunos vivenciam. Talvez esta seja a parte mais rica deste processo, afinal, a sexualidade é uma experiência inacabada que coloca-nos frente ao desconhecido da vida. Desta forma, o professor que aborda o tema sexualidade, estará sofrendo exigências psíquicas diferentes daquelas exigidas por outras disciplinas e precisará de uma certa elasticidade psicológica para lidar com elas. Um trabalho planejado e articulado, respeitando e considerando a transversalidade do tema, poderá servir de suporte a professores.

É importante que os educadores reconheçam como legítimas e lícitas, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento.

Para um consistente trabalho de Orientação Sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professores. Os professores precisam se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora, exceção feita às informações que se refiram à intimidade do educador. Informações corretas do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem-estar e tranquilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo e elevação de sua auto-estima.

É importante problematizar e debater dentro da sala de aula os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando não a isenção total, o que é impossível, mas um maior distanciamento das opiniões e aspectos pessoais dos professores para empreender essa tarefa. Isso porque na relação professor-aluno o professor ocupa lugar de maior poder, constituindo-se em referência muito importante para o aluno.

O educador precisa ter acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Estes, necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens. A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de Orientação Sexual. É necessário que os professores possam reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos

seus. Tal postura cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, a informação e o debate sem a imposição de valores específicos.

A postura dos educadores precisa refletir os valores democráticos e pluralistas propostos e os objetivos gerais a serem alcançados.

Para a construção dessa postura ética, o trabalho coletivo da equipe escolar, definindo princípios educativos, em muito ajudará cada professor em particular nessa tarefa.

Os professores também precisam estar atentos às diferentes formas de expressão dos alunos. Muitas vezes a repetição de brincadeiras, paródias de músicas ou apelidos alusivos à sexualidade podem significar uma necessidade não verbalizada de discussão e de compreensão de algum tema. Deve-se então satisfazer a essa necessidade.

No trabalho com crianças, os conteúdos devem também favorecer a compreensão de que o ato sexual é manifestação pertinente à sexualidade de jovens e de adultos, não de crianças. Os jogos sexuais infantis têm caráter exploratório, pré-genital.

Com relação às brincadeiras a dois ou em grupo que remetam à sexualidade, é importante que o professor afirme como princípios a necessidade do consentimento e a aprovação sem constrangimento por parte dos envolvidos. Para a prevenção do abuso sexual, é igualmente importante o esclarecimento de que essas brincadeiras em grupo ou a dois são prejudiciais quando envolvem crianças ou jovens de idades muito diferentes, ou quando são realizadas entre adultos e crianças. Além disso, os alunos devem saber que podem procurar ajuda de um adulto de sua confiança, no caso de serem envolvidos em situação de abuso.

2.1.6. A Sexualidade e sua abordagem nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, mencionada pela primeira vez na história da educação do País, na Constituição de 1934, tem por objetivo possibilitar aos sistemas de ensino a aplicação dos princípios educacionais constantes da Constituição Federal. É uma lei, portanto, que rege os Sistemas de Ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 estabelece o princípio democrático de organização escolar nos seus diferentes níveis, e estabelece os Parâmetros curriculares Nacionais, impondo-os como norteadores da Sistema Educação Brasileiro.

Os PCN's abordam em um documento específico o tema "Orientação sexual" como tema transversal a ser trabalhado a partir das séries iniciais do ensino fundamental abordando uma temática muito associada a quebra de preconceitos, crenças, tabus ou valores singulares. Para que o trabalho possa se efetivar de forma coerente com a visão pluralista, é necessário que as diferentes crenças e valores, as dúvidas e os questionamentos sobre diversos aspectos ligados à sexualidade encontrem espaço para se expressar. A orientação sexual na escola supõe um trabalho contínuo, sistemático e regular, que acontece ao longo de toda a seriação escolar. Deve começar na Educação Infantil e se estender até o final do Ensino Médio. Pressupõe a capacitação, reciclagem e acompanhamento do trabalho dos educadores, caracterizando um espírito de formação permanente.

O ponto de partida é um curso inicial que aborda os passos básicos para a implantação de trabalhos que enfoquem Orientação Sexual nas escolas, incluindo postura, metodologia, aspectos biológicos, psicológicos e temas sociais polêmicos. Procura gerar reflexão, ajudando o educador a lidar com suas dificuldades, barreiras e preconceitos frente ao tema da

sexualidade. Trata também de discutir a sexualidade na infância e na adolescência e procura trabalhar dinâmicas de atuação em sala de aula.

Segundo o MEC (1997), deve-se articular a abordagem do tema por meio de diálogo, reflexão e da possibilidade de reconstruir informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro. Para isto o documento viabilizou o tema por meio da transversalidade, que significa que a concepção quanto aos objetivos e conteúdos propostos pelo tema encontram-se contemplados por diversas áreas do conhecimento. Desta forma, estará impregnando toda a prática educativa. Cada uma das áreas tratará da temática por meio de sua própria proposta de trabalho. Ao se apresentarem os conteúdos de Orientação Sexual, serão explicitadas as articulações mais evidentes de cada bloco de conteúdo com as diversas áreas.

O trabalho de Orientação Sexual implica o tratamento de questões que nem sempre estarão articuladas com as áreas do currículo – seja porque trata de questões singulares que necessitam de um tratamento específico, seja porque permeiam o dia-a-dia na escola das mais diferentes formas, surgindo de maneira emergente e exigindo do professor flexibilidade, disponibilidade e abertura para trabalhar tais questões.

As indicações e propostas dos PCN's representam mais um desafio para a escola que, até então, trabalhava, na maioria das vezes, de forma descomprometida e desvinculada da realidade. Os Parâmetros buscam também romper com essas concepções e práticas tradicionais e com a visão de que o aluno chega à escola como um ser inanimado, como uma folha em branco, sem conhecimentos advindos da sua experiência existencial, o que denota, provavelmente, que existem possibilidades para a construção de um trabalho educativo que contemple as diferenças e que contribua para formar cidadãos inseridos e comprometidos com o meio em que vivem, visualizando possibilidades de transformá-lo.

Para o Ensino Fundamental, os PCN's preconizam que abordagem do tema precisa contribuir para que ocorra a valorização dos conhecimentos que a integram na dimensão de que são essenciais também para a formação do cidadão. E, ainda, preconizam que precisa ser valorizada a pluralidade de etnias existente no Brasil, reconhecendo-se a diversidade de traços, crenças, saber e fazer, o que expressa a necessidade da inserção desta pluralidade no processo ensino-aprendizagem.

De acordo com os MEC (1997), os Parâmetros Curriculares Nacionais, no volume que trata questões da sexualidade, o trabalho de Orientação Sexual na escola deve se dar no âmbito pedagógico e coletivo, não tendo portanto, um caráter de aconselhamento individual. Isto quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno.

A proposta dos Parâmetros é de que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade. Trata-se de preencher lacunas nas informações que os alunos possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito daquilo que lhe foi apresentado. A escola ao oferecer tais informações, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

Na visão de Araújo (1999)⁷, há três formas diferentes de se entender a relação entre os conteúdos tradicionais e os transversais. Uma primeira forma seria que essa relação deve ser intrínseca, ou seja, não tem sentido existir distinções claras entre conteúdos tradicionais e transversais. Um professor de matemática por exemplo, jamais poderia trabalhar o seu

⁷ Professor do Departamento de Psicologia Educacional da Unicamp

conteúdo de matemática desvinculado da construção da democracia e da cidadania. A segunda maneira seria entender que a relação entre disciplinas tradicionais e transversais pode ser feita pontualmente, através de módulos ou projetos específicos, com os quais os professores de diferentes áreas abririam espaço para algum tema transversal em suas aulas. Uma terceira maneira seria integrando interdisciplinarmente os conteúdos tradicionais e os temas transversais, ou seja, entendendo que a transversalidade só faz sentido dentro de uma concepção interdisciplinar de conhecimento.

O que estas três formas de conceber o trabalho transversal na educação têm em comum é que todas defendem a concepção de manutenção das disciplinas curriculares como eixo longitudinal do sistema educacional, cabendo aos temas transversais girar em torno deste eixo ou impregná-los.

2.1.6.1. Transversalidade e Interdisciplinaridade

Na obra *Temas Transversais em Educação: Bases para Uma Formação Integral*, Busquets et al. (2000) trazem grandes contribuições para a compreensão das origens dos Temas Transversais na educação. Os Temas Transversais foram discutidos originalmente na Espanha, onde foram publicadas obras de referência para os educadores interessados em conhecer as origens da estrutura curricular das escolas ocidentais e, ao mesmo tempo, entender o significado do conceito de transversalidade. A discussão a respeito dos temas transversais na educação surge de questionamentos realizados por alguns grupos politicamente organizados em vários países sobre o papel da escola dentro de uma sociedade plural e globalizada e sobre os conteúdos que deveriam ser abordados nessa escola. Agora essa discussão começa também a fazer parte do cotidiano dos educadores brasileiros. E o Ministério da Educação e Desporto (MEC) coloca à disposição dos professores, como

referência para sua prática pedagógica, os PCN's , os quais orientam e redirecionam a educação brasileira para se trabalhar com os Temas Transversais, através dos quais se pretende o resgate da dignidade da pessoa humana, a igualdade de direitos, a participação ativa na sociedade e a co-responsabilidade pela vida social.

Sabemos, pois, que os conteúdos curriculares das disciplinas Português, Matemática, Biologia, História etc. têm sido, ao longo da história da educação brasileira, privilegiados e centrados num ensino tradicional, em que o professor é concebido como detentor e transmissor do conhecimento e o aluno apenas como um receptáculo vazio, desprovido de qualquer informação, ignorado como um ser que pensa, constrói e reconstrói na sua mente seu mundo a partir das informações adquiridas e experiências vivenciadas, que tem sentimentos que o leva a ter certas atitudes, que pode transformar e ser transformado na sua relação com o outro e com o mundo.

Essa prática pedagógica que vivenciamos ao longo dos tempos é fruto de um processo sócio-histórico-cultural construído e transmitido de geração a geração, de acordo com as necessidades e interesses de uma minoria detentora do saber e do poder, criando cercas para o conhecimento, como garantia para manter um status social. Mulheres e escravos, durante muitos anos, foram injustiçados nessa sociedade hierarquizada, tendo seus direitos roubados e sua liberdade de expressão negada. Foram necessárias muitas lutas e conquistas para que suas dignidades humanas fossem restabelecidas.

Entretanto, sabemos que, na nossa sociedade atual, ainda restam vestígios dessas injustiças e preconceitos construídos durante séculos. Nessa perspectiva, vê-se na escola uma porta aberta para que esses problemas, entre outros, sejam tratados com o intuito de se garantir a igualdade de direitos para todos. Portanto, a educação escolar, hoje, não é apenas ensinar o aluno a ler e a escrever, como outrora se fazia, mas educar para a cidadania.

Para a escola atingir essa nova função social, torna-se necessário a inclusão dos Temas Transversais na estrutura curricular da escola. O tratamento desses temas deve ocorrer de forma sistematizada e organizada, de maneira que sejam abordados seus aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais. De acordo com o MEC (1997), os PCN's nos orientam para essa nova visão educacional que almeja a inclusão dos Temas Transversais no currículo escolar, tendo em vista uma educação para a cidadania. Um redirecionamento na nossa prática pedagógica requer a apresentação de questões sociais para a aprendizagem e a reflexão dos alunos.

Os Temas Transversais, portanto, dão sentido social aos conteúdos conceituais e procedimentais nas disciplinas escolares, superando, assim, o aprender apenas pela necessidade informativa, dicotomizada da realidade e do cotidiano dos alunos.

Para Busquets et al. (2000), uma das formas de contribuir para o processo de transformação da sociedade sem abrir mão dos conteúdos convencionais é por meio da inclusão dos Temas Transversais na estrutura curricular da escola. Portanto, a reforma do Ensino Fundamental prevê um ensino cuja abordagem deverá ocorrer de forma interdisciplinar e contextualizada, contemplando a transversalidade de temas sociais.

A interdisciplinaridade envolve perceber que um conhecimento mantém um diálogo constante com outros conhecimentos, pois não estão fragmentados. Em algum ponto eles estabelecem relação de aproximação entre si.

A abordagem dos Temas Transversais requer que essa nova prática pedagógica passe também a existir na sala de aula, em que as partes de um todo precisam ser estudadas e compreendidas no seu conjunto, onde a existência de um elemento justifica e explica a existência e o funcionamento de outro elemento, numa visão que comporta os conhecimentos construídos nas várias disciplinas.

Portanto, as disciplinas escolares envolvem conhecimentos que devem ser abordados de maneira integrada, numa visão global que permita ao aluno ver o mesmo objeto de conhecimento sob várias perspectivas. A interdisciplinaridade deve ser vista como eixo integrador de todas as disciplinas, permitindo compreender um fenômeno sob vários pontos de vista.

A reforma do Ensino Fundamental prevê uma abordagem pedagógica que facilite a ponte entre a teoria e a prática e, nessa perspectiva, deve-se trabalhar o conteúdo científico de forma contextualizada, retirando o aluno da condição de espectador, envolvendo-o no estudo participativo de dimensões tanto da vida pessoal, como social e cultural. Trabalhar com o conhecimento contextualizado implica ter que abordar os Temas Transversais no processo de ensino e aprendizagem.

A escola necessita se abrir para a vida, deixar-se penetrar por ela, empapar-se de sua realidade e fundamentar toda sua ação nessa realidade cotidiana, relacionando as experiências vividas pelos alunos nos enfoques curriculares (Yus,1998, p.24).

Nesse sentido, o cotidiano do aluno deve ser visto como um conjunto de conhecimentos importantes, que deverá ser utilizado pelo professor como ponto de partida e suporte para subsidiar o tratamento do conteúdo curricular. Buscar a interface conteúdos curriculares/cotidiano do aluno traz uma grande riqueza para o processo ensino/aprendizagem, além de motivar-lo por uma aprendizagem sólida e com significados reais. Isto contribuirá para a construção da sua autonomia e, conseqüentemente, para o exercício da sua cidadania de maneira saudável e feliz.

A proposta é que se tenha “em lugar de “professor”, com tradições fortemente doadoras, o Coordenador de Debates; em lugar de aula discursiva, o diálogo; em lugar de aluno, com tradições passivas, participante de grupo; e em lugar dos “pontos” e programas

alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em “unidades de aprendizado (Paulo Freire, 1996, p. 67).

2.2. Marco Operacional

Em relação à linha de ação a ser assumida no desenrolar da pesquisa faz-se necessário a abordagem das definições dos principais termos operacionalizados neste estudo.

Educação: Neste estudo se refere ao processo de desenvolvimento integral, ou seja, das capacidades físicas, intelectual e moral das crianças envolvidas. Normalmente quando se pensa em educação escolar, pensa-se primeiramente no desenvolvimento intelectual, no aprimoramento das capacidades cognitivas. Mas tomando como base a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, percebe-se que deve-se levar em conta as capacidades atitudinais e comportamentais dos educandos, para que estes possam assumir padrões saudáveis e equilibrados e possam ser integrados socialmente.

Orientação Sexual: A prática docente, normalmente aborda assuntos referentes ao sexo e à sexualidade detendo-se apenas aos conteúdos da disciplina Ciências, deixando de lado às reais necessidades e expectativas dos alunos. O objetivo de um trabalho de educação sexual é permitir que crianças e adolescentes entendam a sexualidade como aspecto positivo e natural da vida humana, propiciando-se a livre discussão de normas e padrões de comportamento em relação ao sexo e o debate das atitudes pessoais frente a própria sexualidade, o favorecerá para a formação de uma personalidade sadia.

Personalidade: É formada durante as etapas do desenvolvimento psico-afetivo pelas quais passa a criança desde a gestação. Para a sua formação incluem tanto os elementos geneticamente herdados (temperamento) como também os adquiridos do meio ambiente no

qual a criança está inserida. A escola como instituição formadora não pode negligenciar a grande influência que exerce nos alunos. Tudo que ela nega ou omite significa que é proibido no espaço escolar. Pode-se dizer que muitas instituições vêem a necessidade de uma intervenção em determinados casos, mas preferem se omitir, porque julgam aquela abordagem inviável naquele ambiente. Este estudo busca analisar a postura dos educadores e da instituição escolar em relação ao desenvolvimento da sexualidade da criança, já que esta é um ponto bastante significativo para a formação de sua personalidade.

Prática Educativa: É o processo que caracteriza pelo movimento próprio de idas e vindas, de reconstruções permanentes. É toda a ação compreendida e trabalhada por todos aqueles que constroem o cotidiano escolar. Neste estudo refere-se à articulação pedagógica em torno do tema sexualidade. A forma como a instituição trabalha, conduz e interfere nas atitudes das crianças.

Sexualidade: Sexualidade é um termo amplamente abrangente que engloba inúmeros fatores e dificilmente se encaixa em uma definição única e absoluta. O termo “sexualidade” nos remete a um universo onde tudo é relativo, pessoal e muitas vezes paradoxal. Pode-se dizer que é traço mais íntimo do ser humano e como tal, se manifesta diferentemente em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas. Sendo assim a escola não pode negar estas manifestações, até mesmo porque é um tema bastante ressaltado nos PCN’s.

2.3. Hipóteses

2.3.1. De Pesquisa

A abordagem do tema sexualidade pelos professores das séries iniciais do ensino fundamental na rede estadual de ensino em Montes Claros não tem atendido às necessidades de formação integral dos educandos e aos objetivos propostos nas diretrizes curriculares.

2.3.2. Alternativas

- Os docentes não consideram a importância do trabalho acerca do tema sexualidade.
- Os docentes adotam uma postura pouco flexível acerca do tema.
- Os docentes têm pouca preparação para o desenvolvimento de um trabalho consciente com o tema sexualidade.
- Os docentes desconhecem as diretrizes propostas pelos PCN's.

3. METODOLOGIA

3.1. Descrição do lugar

Forma três as instituições envolvidas na investigação: Escola Estadual Professora Cristina Guimarães, Escola Estadual João de Freitas Neto e Escola Estadual Beato José de Anchieta.

A Escola Estadual Professora Cristina Guimarães é uma escola que atende crianças advindas de bairros periféricos da cidade de Montes Claros. Atende, portanto, uma clientela com um baixo poder sócio-econômico, o que contribui para uma grande defasagem no processo de construção do conhecimento, visto que as mesmas possuem pouco acesso cultural. Muitas destas crianças, convivendo com grandes desajustes familiares, como por exemplo o alcoolismo, acabam perdendo grande parte da infância. É uma escola de pequeno porte, e atende cerca de 400 alunos, sendo estes do 1º ao 9º ano de escolaridade. Destes alunos matriculados 50 participam do Projeto Tempo Integral, projeto este que funciona com uma carga-horária de 10h e 30min diários. Neste, os alunos recebem acompanhamento pedagógico, participam de oficinas de leitura, produção e interpretação textual, teatro, artes e educação física. Outros 25 alunos matriculados no 6º e 7º ano, com defasagem idade/série participam do Projeto de Aceleração da Aprendizagem, onde têm a oportunidade de se posicionarem na etapa adequada a sua idade. A Escola oferece, ainda, no 3º turno, o Projeto Educação de Jovens e Adultos, para alunos com mais de 14 anos de idade e não tiveram oportunidades de acesso escolar na idade correta. Possui um boa infra-estrutura, com 07 salas arejadas; uma quadra coberta, recém construída; uma cantina; um galpão, onde a merenda é servida; uma sala de professores, onde, atualmente trabalha-se com alunos do 4º ano com baixo desempenho; uma secretaria; uma sala da direção; uma biblioteca e banheiros. A

Proposta Pedagógica prioriza a formação integral do aluno, buscando uma formação sólida em valores éticos e morais, assim como o respeito mútuo e o conceito de justiça social.

A escola conta com 35 funcionários de acordo com a demanda da mesma, de acordo com o quadro da legislação vigente. Destes, 7 são professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e que foram envolvidos na investigação.

A Escola Estadual João de Freitas Neto localiza-se na Avenida Coronel Lopinho, nº132, Bairro Morada do Parque, no Município de Montes Claros, atendendo o Ensino Fundamental e Médio. Foi instalada em 01/02/62 com a denominação Grupo Escolar Magalhães Pinto, então Governador do Estado. Em 1984 passou a chamar Grupo Escolar João de Freitas Neto, e ainda no mesmo ano, Escola Estadual João de Freitas Neto. A escola possui uma área de construção de 1052 m², 10 salas, 08 sanitários, 01 sala de secretaria, 01 sala de direção, 01 cantina, 01 biblioteca, 01 sala de supervisão e 01 consultório odontológico. A escola atende 754 alunos oriundos dos bairros: Morada do Parque, Morada da Serra, Jardim Liberdade, Major Prates, São Geraldo, Chiquinho Guimarães, Maracanã e Morada do Sol. A proposta pedagógica é baseada no desenvolvimento de competências e habilidades necessárias na atualidade. Prioriza um currículo interado, metodologia problematizadora e trabalhos coletivos, buscando cada vez mais, a realização de projetos multidisciplinares, contendo a formação de atitudes e valores com o intuito de tornar a aprendizagem significativa. Possui atualmente 65 servidores de acordo com a formação do quadro da escola, pela legislação vigente. Destes profissionais, 7 atuam do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

A Escola Estadual Beato José de Anchieta localiza-se na Rua “O”, nº 90, Bairro Cristo Rei e foi fundada no ano de 1967 pela Prefeitura Municipal de Montes Claros com o nome de Escola Municipal Francisco Ribeiro e funcionava na Vila Telma. A escola oferece o

Ensino Fundamental, organizado em 9 anos, sendo 1º ao 5º ano definidos em Ciclos de Progressão Continuada, com aproximadamente 350 alunos no Ciclo Inicial – 1º ao 3º ano - e 260 alunos no Ciclo Complementar – 4º e 5º ano. Os quatro anos finais do Ensino Fundamental são organizados em Sistema de Seriação.

A Escola possui uma boa infra-estrutura com 15 salas, 07 sanitários, 01 sala de secretaria, 01 sala de direção, 01 cantina, 01 biblioteca e 01 sala de supervisão. A sua clientela é de maioria socialmente desfavorecida e oriunda de bairros muito carentes, sendo que 64% destas são beneficiadas pelo Programa Bolsa Família.

A Escola tem como missão contribuir com a formação integral de um indivíduo consciente dos seus direitos e deveres sociais, o que prioriza a dinamização de conteúdos voltados para práticas contextualizadas enfocando a ética e o aprimoramento de valores socialmente valorizados. Atualmente a escola possui 52 funcionários, que atendem os três turnos. Destes, 6 atuam com professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e contribuíram com a investigação.

3.2. Fontes de dados

- Primárias: Participaram da investigação professores da Rede Estadual de Ensino, atuantes nas séries iniciais do ensino fundamental.
- Secundárias: Foram utilizados guia de entrevista, sendo estas impressas de modo a facilitar o relato das falas. Utilizou-se, também o Projeto Político Pedagógico das referidas instituições para analisar as concepções a cerca dos objetivos educacionais, visão e missão das mesmas.

3.3. Tipo e Método de Estudo

Como exposto anteriormente, nesta pesquisa, tem-se a atenção voltada para o que se mostra no trabalho desenvolvido acerca do tema Sexualidade por professores das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Para realizar essa investigação, optou-se pela pesquisa quantitativa e qualitativa com abordagem Fenomenológica, por vislumbrar que ela permite a possibilidade de olhar para o fenômeno vivido e compreendê-lo situado na própria vivência onde se mostra.

A Fenomenologia é um modo de pesquisar e ver o mundo numa perspectiva filosófica e caracteriza-se por um constante recomeçar na busca de verdades, recusando todo um sistema pronto e acabado. Essa abordagem do conhecimento surgiu com Edmund Husserl, no início do século passado e vem se desenvolvendo, ao longo do tempo, com as reflexões propostas por outros pensadores fenomenólogos.

Na perspectiva fenomenológica, consciência é entendida como intencionalidade e não como um recipiente que acumula conhecimentos recebidos. Nesse sentido, ao dirigir-se ao campo para a investigação, a pesquisadora deixou-se ser solicitada pelos movimentos que aí se mostraram. Não percebeu, em um primeiro olhar, todos os matizes e riqueza que dispunha em meu campo de presença. Verificou que o fenômeno não é percebido pelo pesquisador em um primeiro olhar; ele mostra-se na busca atenta e rigorosa do sujeito que interroga e que procura ver além da aparência. O fenômeno só existe, na experiência, à medida que é vivido.

Tendo em vista essa compreensão de fenômeno, a realidade não se traduz como algo objetivo e explicável em termos de causa e efeito. A realidade passa a ser aquilo que surge da intencionalidade da consciência voltada para o fenômeno.

Segundo Bicudo e Espósito (1994),

(...) a realidade passa a ser o compreendido, o interpretado e o comunicado. Não existe uma única realidade, mas dependendo das diversas compreensões, interpretações e comunicações que existam sobre ela (Bicudo e Espósito, 1994, p.18).

Ao adotar esse modo de pesquisar, a pesquisadora afasta-se das abordagens explicativas que procuram soluções para problemas postos, muitas vezes, numa visão intelectualista.

O método fenomenológico fundamenta-se em algo realmente vivenciado, dirige-se para a experiência, percebendo as coisas como se manifestam na sua essência, buscando, assim, chegar às coisas mesmas. Chegar à coisa mesma significa chegar ao irrefletido, à essência do fenômeno, enquanto fenômeno desvelado, sem nenhum tipo de deformação ou distorção.

Para se chegar às coisas mesmas, é necessário um ver compreensivo por parte do pesquisador. Esta atitude de análise intencional da realidade conduz à redução fenomenológica, que é o recurso que nos permite chegar ao fenômeno. Por redução fenomenológica entende-se a forma de refletir que não anula o pré-reflexivo, mas o manifesta. Assim sendo, a Fenomenologia parte da interrogação sobre o fenômeno e através da redução fenomenológica, propõe-se chegar à coisa mesma. Só chegaremos à essência, reduzindo. Reduzir significa retirar na compreensão aquilo que lhe é essencial.

É um modo de investigação que não determina o que deve ser investigado e não se propõe a conceituar e qualificar o que está sendo investigado. Antes, se detém no como se pesquisar, no modo pelo qual a pesquisa pode ser conduzida pelo pesquisador para buscar conhecer o fenômeno em questão.

A modalidade de pesquisa qualitativa, que tem a Fenomenologia como suporte, não se constitui em um método, mas em uma atitude, uma postura metodológica alternativa de pesquisa.

O pesquisar educação, fenomenologicamente, está diretamente ligado à visão do pesquisador sobre o homem, o mundo, a ciência, a verdade, pois estes funcionam como base que alimentam sua trajetória e lhe revestem de significado. Nessa perspectiva, ao procurar compreender que manifestação é essa que se mostra na escola, adotando a pesquisa fenomenológica, o faço inserindo-a na descrição de minha trajetória como pesquisadora. Ou seja, ao questionar o que se mostra no trabalho desenvolvido acerca do tema sexualidade por professores das séries iniciais, percebo-me expondo minhas visões sobre o conhecimento, o educando e a prática pedagógica.

3.4. População e Amostra

Das quinze escolas da Rede Estadual de Ensino que localizam-se na zona periférica da cidade de Montes Claros foram escolhidas três aleatoriamente, de modo que a visão da investigação refletisse exatamente a conduta e o conhecimento dos profissionais a cerca do tema abordado.

No estudo, o universo foi constituído pelos professores das séries iniciais – ensino fundamental das seguintes escolas: Escola Estadual Professora Cristina Guimarães, Escola Estadual João de Freitas Neto e Escola Estadual Beato José de Anchieta. Para tal foram entrevistados 20 professores atuantes do 1º ao 5º ano, que constitui a população total deste estudo.

O principal critério para a identificação foi a formação e o tempo de atuação nas séries iniciais do ensino fundamental, visto que a experiência influencia de forma significativa em

sua articulação pedagógica dentro da sala de aula. Para tanto, todos os professores atuantes nas séries iniciais das escolas investigadas participaram do trabalho.

3.5. Técnicas de Coleta dos Dados

Nesta investigação optou-se por dois instrumentos: uma entrevista semi estruturada e análise documental. As entrevistas foram realizadas individualmente, sendo descritas pelo entrevistador/pesquisador. Realizou-se, também, uma análise acerca do Projeto Político Pedagógico das instituições de ensino (pesquisa documental), principalmente nos aspectos que abordam a questão da missão da escola, dos objetivos almejados quanto à formação integral da criança e nas propostas de trabalho a serem realizados durante todo o ano letivo, confrontando o mesmo com as articulações pedagógicas viabilizadas em sala de aula.

O primeiro instrumento teve a função de investigar a os conhecimentos dos professores em relação ao trabalho com o tema, além de verificar o grau de espontaneidade dos mesmos acerca das intervenções pedagógicas necessárias durante o processo de formação da criança. Estava também implícito qual a importância aferida ao tema pelos profissionais atuantes do ensino fundamental.

O segundo momento da investigação objetivou a análise do Projeto Político Pedagógico das Instituições para verificar a articulação da proposta e sua adequação ao fazer pedagógico dentro da sala, uma vez que, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, a formação integral dos alunos deve ser priorizada e considera necessária a intervenção dos profissionais da educação imprescindível para o desenvolvimento de todas as capacidades dos alunos.

Para validação dos instrumentos a serem aplicados durante a investigação, o questionário da entrevista foi submetida à apreciação da Direção e pelos docentes da

instituição. A Orientação Pedagógica da primeira escola a ser investigada, sugeriu que duas questões da entrevista fossem transcritas em uma linguagem mais simples para melhor compreensão dos docentes. Os pontos foram revistos e, em seguida, o instrumento foi enviado para o Orientador da Investigação que ponderou alguns pontos e autorizou a aplicação do mesmo.

3.6. Técnicas de Análise e Interpretação dos Dados

Os dados foram coletados e interpretados concomitantemente, o que ocorreu durante o desenvolvimento do processo de investigação. Essa atitude se sustenta em posição defendida por Ludke (1986, p. 45) quando afirma: “analisar dados de uma pesquisa qualitativa é trabalhar todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observações, as transcrições de entrevistas, as análises documentais”. Neste sentido, incluem-se aqui os resultados de todas as informações obtidas. Portanto, analisar e interpretar todos os dados coletados de forma criteriosa e sistemática constitui-se nos fundamentos para a construção do texto final da pesquisa.

Antes de envolver os professores na investigação, a pesquisadora reuniu-se com as diretoras e supervisoras das instituições envolvidas sobre os objetivos e a metodologia a ser articulada durante todo o trabalho. A entrevista foi agendada individualmente e com antecedência.

As primeiras entrevistas foram gravadas e depois transcritas, servindo de referência para as análises. No entanto, ao perceber o desconforto dos professores em relação ao gravador, a pesquisadora preferiu dispensá-lo. Para análise dos dados coletados, as respostas foram avaliadas, sendo observadas as semelhanças e diferenças entre as respostas dos educadores, verificando se sua prática pedagógica era condizente com o discurso do docente.

Os dados foram tratados de acordo com a formatação das questões levantadas. Buscou-se apresentar os resultados da entrevista de forma descritiva, transcrevendo algumas falas dos professores. Em seguida houve a tabulação dos dados coletados através de gráficos, o que torna mais visível a apuração dos resultados da investigação.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, discorre-se sobre os dados levantados, os resultados obtidos e a discussão pertinente ao comparativo contextual e teórico. A apresentação dos dados forma exposta de forma a contemplar os aspectos qualitativos dos resultados da pesquisa, portanto desenvolve-se sob uma abordagem textual descritiva enfocando os aspectos centrais definidos nos objetivos do estudo, direcionados a partir dos pressupostos iniciais. Além disto, os dados foram organizados em gráficos para uma melhor visualização dos resultados obtidos na investigação, o que reflete a postura e condutas dos professores em relação ao tema sexualidade.

Os resultados estão dispostos sobre os enfoques centrais, da seguinte maneira: a) discurso predominante dos educadores sobre a educação sexual; b) percepção dos professores quanto a influência do desenvolvimento da sexualidade para a formação da personalidade do indivíduo; c) posturas mais freqüentes dos educadores frente às manifestações e dúvidas de seus alunos em relação à sexualidade; d) compreensão dos professores sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais; e) compreensão dos professores acerca das Diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre o tema transversal Orientação Sexual; f) aplicação das diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais dentro da sala de aula pelos professores.

4.1. Caracterização do Perfil Profissional dos Docentes

O cenário pedagógico das instituições educacionais entrevistadas apresenta um quadro de formação de professores descrito no Gráfico 1.

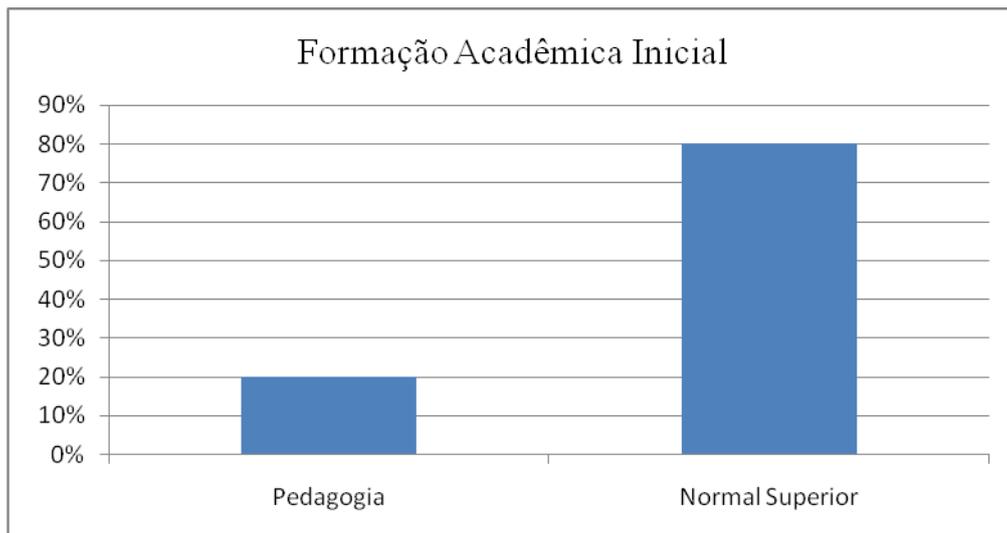


Gráfico 1 – Perfil dos professores investigados quanto à formação acadêmica inicial

O Gráfico 1 demonstra que dos 20 professores investigados, 20% possui graduação no curso de Pedagogia e 80% são graduados em Normal Superior⁸. A formação acadêmica é muito importante, pois viabiliza melhores condições à nível de conhecimento acerca das responsabilidades e campo de atuação do profissional.

Antes da promulgação da atual LDB 9.394/96, os profissionais que atuavam nas séries iniciais dos ensino fundamental possuíam apenas o magistério de 2º grau, curso regulamentado pela extinta Lei 5.692/71⁹. Esta se consolidou como um dos fatores determinantes para uma queda da qualidade da formação oferecida, na medida em que privilegiou o aspecto instrumental da formação do professor, em detrimento de uma formação

⁸ Graduação de Licenciatura Plena que foi criado no Brasil pela LDB 9.394/96 para formar os profissionais da Educação Básica a nível superior.

⁹ Lei Promulgada em 1971, implantou a tendência tecnicista na educação resultou da tentativa de aplicar na escola o modelo empresarial que baseia na racionalização própria do sistema de produção capitalista – reformulou o Segundo Grau que passou a ter um caráter profissionalizante.

teórica sólida o suficiente para garantir o melhor enfrentamento das questões que fazem parte do cotidiano escolar.

A Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional 9394/96 estabelece a obrigatoriedade de formação em nível superior dos professores da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental. Em seu texto diz:

A Formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (LDB, 9394/96. art. 62^a).

Titulação	Quantidade
Especialista	06
Graduado	14
Total	20

Tabela 1 – Perfil de titulação dos professores entrevistados

De acordo com a Tabela 1, dos 20 professores entrevistados, 14 possuem apenas a graduação e 6 possuem, além da graduação, o curso de especialização¹⁰ na área de educação. Isto demonstra a busca dos profissionais pelo aperfeiçoamento das práticas pedagógicas através pós-graduação *Latu-sensu*. No que se refere à política de qualificação docente, o Estado de Minas Gerais, tem como meta a formação do profissional da educação, com o objetivo de promover ações de aperfeiçoamento profissional, no intuito de elevar os níveis de

¹⁰ Curso de pós-graduação *latu sensu*.

eficiência no trabalho. Existe ainda um incentivo financeiro para os cursos de pós-graduação: 10% para especialização, 30% para mestrado e 40% para doutorados, devidamente reconhecidos pela CAPES¹¹.

Para que se possa desenvolver uma análise quanto às concepções e posturas dos profissionais entrevistados, apresenta-se o perfil profissional dos mesmos, com o intuito de trazer elementos importantes que evidenciem os resultados da pesquisa.

Escolas	Profissionais	Formação			Tempo de Atuação (anos)	Situação Funcional
		Graduação	Pós-Graduação	Cursos Adicionais		
E. E. Cristina Guimarães	Prof ^a P1	Normal Superior			20	Efetivada
	P2	Normal Superior		Complementação Pedagógica	12	Efetivada
	P3	Pedagogia			14	Efetiva
	P4	Normal Superior	Especialização		16	Efetivada ¹²
	P5	Normal Superior			20	Efetivada
	P6	Normal Superior			12	Efetivada
	P7	Normal Superior	Especialização		09	Efetivada
E. E. João de Freitas Netos	P8	Normal Superior			18	Efetiva
	P9	Pedagogia	Especialização		08	Efetiva
	P10	Normal Superior			06	Efetiva
	P11	Normal Superior		Complementação Pedagógica	10	Contratada
	P12	Normal Superior			17	Efetiva
	P13	Pedagogia			14	Efetiva
	P14	Normal Superior			12	Efetivada
E. E. Beato José de Anchieta	P15	Normal Superior	Especialização		20	Efetiva
	P16	Normal Superior		Complementação Pedagógica	07	Contratada
	P17	Pedagogia			23	Efetiva
	P18	Normal Superior		Complementação Pedagógica	09	Efetivada
	P19	Normal Superior	Especialização		12	Efetivada
	P20	Normal Superior	Especialização		16	Efetiva

Tabela 2 – Perfil profissional dos professores entrevistados

A Tabela 2, revela que 6 dos professores com formação acadêmica inicial em Normal Superior possuem especialização em Supervisão Educacional e 4 possuem Complementação

¹¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

¹² Servidor público estável, que ingressou no cargo sem passar pelo concurso público.

Pedagógica. Isto demonstra uma busca pelo conhecimento sistematizado, um conhecimento que, na maioria das vezes, não reflete no trabalho em sala de aula.

A grade curricular tanto dos cursos de Especialização, quanto de Complementação Pedagógica enfocam as bases psicológicas da formação e desenvolvimento infantil e a grande importância da percepção dos profissionais acerca das influências dos fatores externos que devem ser trazidos para dentro da escola para que haja uma intervenção nas posturas e comportamentos dos alunos evidenciados durante o processo ensino-aprendizagem.

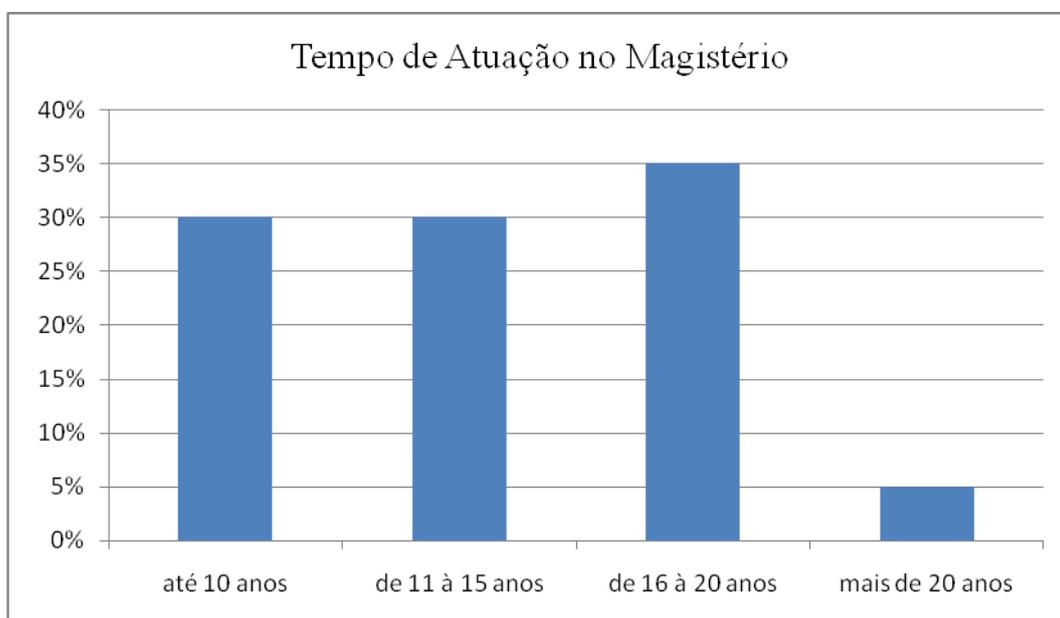


Gráfico 2 – Perfil dos professores quanto ao tempo de atuação no Ensino Fundamental séries iniciais.

O Gráfico 2, demonstrou que dos 20 docentes entrevistados, 6 possuem até dez anos de experiência profissional nas séries iniciais de ensino fundamental; 6 possuem de 11 à 15 anos de experiência; 7, de 16 à 20 anos de experiência e, apenas 1 possui mais de 20 anos de atividades profissionais no magistério. A experiência na docência, nem sempre agrega vantagens para a abordagem do tema sexualidade na sala de aula, visto que, algumas vezes, professores recém formados tem maior liberdade e espontaneidade acerca deste tipo de trabalho. Alguns professores apresentam uma postura pouco flexível, sentido-se até mesmo,

constrangidos em abordar o tema com os alunos, e preferem se omitir ao invés de intervir nas necessidades evidenciadas. Normalmente os professores mais antigos demonstram inibição neste tipo de abordagem. O tipo de educação recebida pelos pais afeta, em grande maioria a conduta do professor dentro da sala de aula.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 diz,

A experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino (LDB 9394/96. art. 67. Parágrafo Único).

4.2. Descrição da Entrevista

Pesquisa foi realizada em três Escolas da Rede Estadual de Ensino, da Cidade de Montes Claros – MG. São elas: Escola Estadual Professora Cristina Guimarães, Escola Estadual João de Freitas Neto, Escola Estadual Beato José de Anchieta. Foram entrevistados 20 professores, atuantes da séries iniciais do Ensino Fundamental, aos quais denominar-se-ão P1; P2; P3; P4; P5; P6; P7; P8; P9; P10; P11; P12; P13; P14; P15; P16; P17; P18; P19; P20. Algumas entrevistas foram gravadas, outras não, percebido o desconforto dos professores e a preocupação com o gravador, o que prejudicaria a fala espontânea dos mesmos, sendo assim, foram descritas, na íntegra, no momento da mesma.

A primeira escola trabalhada nesta pesquisa foi a Escola Estadual Professora Cristina Guimarães, Escola onde a pesquisadora atua como supervisora educacional desde 2007. O tema da investigação já era constantemente discutido entre as colegas de trabalho, até mesmo porque percebia-se a necessidade de intervenções imediatas perante algumas atitudes dos alunos. No entanto, quase sempre as questões referentes à sexualidade eram dirigidas à pesquisadora, no intuito que esta orientasse os alunos e definisse como deveria ser conduzida

tal situação. A pesquisadora percebia um certo desconforto por parte dos professores e uma falta de iniciativa na abordagem do tema.

Logo que a entrevista foi elaborada, e validada pelo orientador da investigação, esta foi apresentada às professoras e direção da escola para que analisassem o teor da pesquisa e a viabilidade da aplicação da mesma. Algumas acharam as questões difíceis, até mesmo porque não sabiam muito o que seria dito em relação à sexualidade infantil. O mesmo procedimento foi adotado na Escola Estadual João de Freitas Neto e na Escola Estadual Beato José de Anchieta.

Após toda a discussão em torno do que realmente estaria acontecendo iniciou-se a investigação.

Ao tratar da concepção dos sujeitos entrevistados sobre a importância do desenvolvimento da sexualidade para a formação da personalidade do indivíduo percebeu-se que existe um consenso, visto que a maioria dos professores respondeu que considera muito importante. Podemos evidenciar este posicionamento nos seguintes discursos:

Sim, considero muito importante. O professor deve preparar o aluno para respeitar, valorizar sua individualidade, compreender o sexo de forma natural e sem preconceitos (P2).

Sem dúvida, considero muito importante. Este assunto está totalmente relacionado a formação humana (P3).

Considero bem importante o desenvolvimento da sexualidade para a formação da personalidade. Todo ser humano é constituído do físico, intelectual, emocional, psicológico, e precisa ser trabalhado como um todo. A sexualidade faz parte desta formação (P5).

Sim, eu considero muito importante o desenvolvimento sexual na vida e na formação do indivíduo. É de extrema importância que desde pequena a criança aprenda a conhecer a si mesmo e as transformações do seu corpo (P6).

A partir do momento que é trabalhada a questão da sexualidade o indivíduo é capaz de distinguir o que é melhor para ele. A sexualidade aborda toda uma conduta. Algumas pessoas quando mencionam o termo sexualidade acham que este somente se refere ao sexo. E isto reflete muito na vida das pessoas (P9).

Considero muito importante porque a criança pequena não tem a sexualidade desenvolvida. Ela apresenta uma percepção distorcida. Tudo tem que ter um equilíbrio. O ser humano é composto de físico, espiritual, psicológico, cognitivo e a pessoa tem que estar bem equilibrada... Esta tem que ser conduzida da melhor maneira possível para que possa contribuir para a harmonia do ser humano (P12).

Apenas dois dos professores entrevistados demonstraram não considerar a importância do desenvolvimento da sexualidade para a formação da personalidade do indivíduo. Podemos evidenciar este posicionamento nos seguintes discursos:

Nem tanto. Eu não acho tão necessário assim. Eu mesmo nunca fui orientada a respeito, não sabia nada, e nem por isto eu deixei de aprender, e nada afetou a minha personalidade. Considero minha sexualidade bem definida. Hoje o sexo somente é visto e pensado pelo lado do prazer (P1).

Não necessariamente. É importante dentro do limite. Quando é tratada dentro de normas é boa para a personalidade. Da forma como vem sendo abordada hoje acaba virando libertinagem (P8).

A pesquisa nos revelou que a maioria dos professores investigados acredita que o tema sexualidade deve ser abordado dentro da escola como qualquer outro, o que pode ser percebido nas seguintes falas:

Eu acho correto o sexo ser abordado desde as séries iniciais, é importante como qualquer outro tema. Falar de sexo é tratar de mitos, inquietações, curiosidades, preconceitos, crenças e dúvidas (P2).

Claro que cada um dentro do seu nível. O professor deve analisar o nível de aprendizagem e amadurecimento de cada criança e também o nível da turma como um todo. Um dia destes eu estava trabalhando uma atividade e o aluno disse que iria desenhar uma galinha transando com um pato. Este aluno é mais avançadinho que os demais, sendo assim não posso trabalhar com ele do mesmo modo que trabalho com os outros. Cada um tem um nível de amadurecimento sexual. Este é o retrato da sociedade de hoje, um lado negativo e isto reflete na vivência deles (P9).

Acho sim que o tema sexo deve ser abordado como qualquer outro dentro da sala de aula, porque se os pais abordam dentro de casa e os professores dentro da escola o aluno vai encarar com maior naturalidade. Isto é imprescindível... (P10).

Sim, é um tema muito importante e deve ser abordado em todas as séries. O trabalho deve acontecer de forma interdisciplinar, respeitando as necessidades que são apresentadas pelas crianças (P13).

Eu acho correto o sexo ser abordado desde as séries iniciais, é importante como qualquer outro tema. É importante para derrubar mitos, inquietações, curiosidades, preconceitos, crenças e dúvidas. É

este tipo de trabalho que irá consolidar em uma personalidade sadia (P15).

Percebeu-se ainda posturas resistentes quanto a abordagem do tema sexualidade como qualquer outro dentro da sala de aula.

É um tema que deve ser abordado quando ou se necessário, existem outros temas e conteúdos que necessitam de maior atenção (P1).

Acredito que alunos das séries iniciais não têm maturidade nenhuma para o trabalho com este tema de forma sistemática. Eu acredito que seja mais viável o professor orientar apenas quando o aluno faz questionamentos a respeito (P18).

Na opinião de P1 o sexo não deve ser abordado dentro da escola com a mesma dimensão que são abordados outros temas, até mesmo porque esta demonstrou não considerar necessário a realização deste trabalho nas séries iniciais. Para ela, o professor somente deve abordá-lo caso haja necessidade evidente, como por exemplo brincadeiras eróticas entre as crianças.

Para a realização de um trabalho envolvendo o tema em questão, sendo este viabilizado de forma consciente e levando em conta o desenvolvimento psicosssexual da criança, é necessário que o profissional envolvido tenha um amplo conhecimento a respeito e sinta-se inteiramente à vontade para a execução do trabalho.

Evidenciou-se durante a investigação que muitos professores não têm liberdade, e sentem-se inibidos diante dos alunos quando se trata da Orientação Sexual. Isto constatou-se à partir das seguintes respostas:

Eu não me sinto à vontade. Tenho dificuldade em selecionar o que falar. Fico insegura, com medo de ser mal interpretada, principalmente pelos pais (P1).

Eu me sinto muito constrangida em trabalhar estas questões. À algum tempo atrás era mais fácil, porque o aluno tinha poucas informações, e hoje ele tem muitas e de péssimas qualidades (P8).

Muitas vezes, dependendo da situação, eu tenho que parar e pensar. Quando sou pega de surpresa, sinto dificuldades, ao passo que quando planejo a atividade sinto-me mais relaxada. Já passei por muitas situações inesperadas. Já atuei em turmas de 4º e 5º ano, com alunos maiores, e sentia-me constantemente constrangida (P9).

Depende muito. Se for uma turma madura tudo bem. Com os meninos menores é mais fácil porque eles não têm muita maldade. Neste caso a atuação do professor é mais superficial, até mesmo porque não existem questionamentos. No 4º ano começa um trabalho mais sistemático em relação à sexualidade, os alunos tem uma vivência maior e muita curiosidade. Fico muito constrangida. (P12).

Às vezes sinto dificuldades na abordagem do assunto. Tenho medo de não ser aprovada pelos pais dos alunos (P15).

“Fico meio constrangida, até mesmo em questão da aceitação da família, temo que eles julguem mal o trabalho (P19).

Uma das mudanças contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais é a adoção do tema Orientação Sexual, objeto de dúvidas e controvérsias, principalmente quanto à forma adequada de abordá-lo, posto que este, por si só, traz uma gama de preconceitos, cristalizados nas relações sociais. Por isso, constitui um dos maiores desafios dos PCN's, introduzir, com

sucesso, a discussão transversal sobre sexualidade nas escolas. Tal fato pressupõe, se não a quebra da estrutura tradicional de ensino, em que a sexualidade não é debatida abertamente, pelo menos o início de um processo educacional marcado pelo desenvolvimento do senso crítico, oportunidade de diálogo e troca de experiências. Todavia, a consecução desse objetivo demanda primeiramente que os profissionais da educação sejam capazes de olhar para a sexualidade humana, eliminando seus próprios preconceitos internalizados.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfocam o trabalho interdisciplinar e sugerem temas transversais que devem fazer parte da dinâmica da aprendizagem, visto que o indivíduo não constitui-se de forma fragmentada, sendo assim precisa de um ensino que contribua para a sua formação integral. Durante a investigação evidenciou-se que grande maioria dos professores possui pouco ou nenhum conhecimento a cerca dos PCN's.

Pelo que eu já li, é um material de informação para o professor, muito rico, principalmente na parte que cita a metodologia de trabalho, no entanto é um pouco complicado. Sobre o volume Orientação Sexual, não tenho segurança para falar sobre ele. Sei que é um tema transversal e que pode ser trabalhado, caso haja necessidade (P1).

Conheço, mas não me lembro. Participei de uma capacitação em torno das diretrizes curriculares, mas não enfocava a prática ou estratégias metodológicas para o trabalho com o tema sexualidade (P7).

São documentos muito importantes que auxiliam no trabalho pedagógico. O trabalho proposto de forma interdisciplinar ajuda muito. Sou preocupada com a formação do meu aluno. Se o professor ficar preso o aluno não desenvolve. Quanto ao volume Orientação Sexual não sei nada à respeito (P10).

Li o documento introdutório a muito tempo atrás (P11).

Conheço muito pouco. Sei que abordam vários temas e são documentos de grande importância para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Quanto ao Tema Transversal Orientação Sexual, sei que deve fazer parte do currículo de todas as escolas (P16).

Conheço pouco sobre os PCN's. Nunca fui capacitada dentro da escola (P19).

Em alguns momentos os PCN's ajudam o professor, em outros é muito confuso. Nunca tive acesso ao volume Orientação Sexual (P20).

O Tema Orientação Sexual é abordado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como tema fundamental para o desenvolvimento da criança e sugerem que seja realizado um trabalho sistemático, no sentido de orientar e informar a criança, preparando-a para a vida. No entanto percebeu-se que alguns professores que não tem conhecimento sobre o volume em questão, conseqüentemente não julgam necessário a sua aplicação dentro da sala de aula como evidenciou-se na fala de alguns:

Nunca apliquei , porque não achei que era necessário (P1).

Atualmente todas as propostas lançadas são voltadas para os PCN's, mas faz-se necessário uma discussão efetiva acerca dos mesmos. Portanto a aplicação destas diretrizes restringem-se ao trabalho com propostas lançadas pelo setor pedagógico da escola (P4).

Trabalho o tema de forma superficial, não vejo necessidade de realizar um trabalho sistemático (P9).

Os alunos menores não estão preparados para as abordagens sexuais (P12).

Não aplico porque não conheço as Diretrizes. Isto deve ficar à cargo do setor pedagógico da escola (P19).

A Instituição escolar, em sua maioria, prioriza o desenvolvimento cognitivo da criança, relegando ao segundo lugar as outras habilidades que são essenciais para a sobrevivência do indivíduo em sociedade. Habilidades estas que devem ser lapidadas pela escola, o que contribui para a solidificação de todo o significado e referência que a criança traz de casa.

Durante o trabalho investigou-se a opinião dos professores à cerca das possibilidades da articulação de um trabalho, desconsiderando a sexualidade e dando ênfase às demais habilidades, em especial ao desenvolvimento cognitivo.

Todos os professores investigados responderam que não é possível desconsiderar o tema e dar ênfase apenas ao desenvolvimento cognitivo, o que demonstrou certa incoerência pelas respostas dadas no item cinco da entrevista.

Observou-se que a naturalidade trazida no discurso não corresponde à prática exercida em sala de aula da maioria dos professores entrevistados. Pôde-se evidenciar isto nos seguintes discursos:

O desenvolvimento cognitivo deve acompanhar o desenvolvimento de outras habilidades, sendo assim a escola não pode negligenciar o tema (P2).

Não existe possibilidade... Hoje compreendemos que o desenvolvimento do aluno deve ser integral, mas percebo uma grande necessidade de capacitações nesta área serem priorizadas para que o

trabalho aconteça de forma que, realmente venham a contribuir para tal desenvolvimento (P4).

Não, de uma forma ou de outra é necessário que se dê enfoque ao tema... As habilidades são trabalhadas de forma global. As intervenções acontecem de acordo com as necessidades... Pra mim, não tem sentido focar na transmissão de conteúdos apenas e não trabalhar as habilidades que contribuem para a formação de hábitos e comportamentos saudáveis, que contribuem para uma vida melhor... (P7).

Não tem como este trabalho ser ignorado, porque é um assunto que está na cabeça das crianças. Tem que ser trabalhado de maneira sadia de modo a propiciar um melhor nível de formação. No entanto, para isto é necessário que os professores sejam capacitados para este trabalho (P9).

“O desenvolvimento da sexualidade é tão importante quanto o desenvolvimento cognitivo. O aluno precisa lidar bem com as transformações do seu corpo e ter ciência sobre a responsabilidade que deve ter ao início da vida sexual desde muito cedo (P13).

Sem um trabalho bem direcionado no sentido de orientar o aluno para o seu desenvolvimento sexual que também é um fator que faz parte de sua vida é impossível que ele se desenvolva integralmente. O professor que ignora esse trabalho, primando apenas pelo desenvolvimento cognitivo queima uma etapa de suma importância para o desenvolvimento do educando (P15).

Não. A Lei de Diretrizes e bases enfoca que o desenvolvimento do aluno deve ser integral, sendo assim não podemos priorizar o desenvolvimento cognitivo, pois este depende da maturação de habilidades (P17).

Eu acho impossível ignorar este tema dentro da sala de aula, pois independente de um planejamento ou projeto o tema sempre aparece no conteúdo de Ciências, ora quando faz menção ao corpo humano, ora quando enfoca a higiene corporal (P20).

Ficou evidenciado que os professores, em sua grande maioria, acabam repetindo o que acontecia na década de 70, quando se trabalhava temas relacionados à sexualidade apenas em programas de saúde. Notou-se a nítida dificuldade destes em alterar um *habitus* instituído, corroborando a perspectiva de Bourdieu (1983), que afirma a grande dificuldade em se alterar a prática instituída. Esta pode ser definida como produto da história, o que vem a orientar as práticas individuais e coletivas, além de assegurar a presença ativa das experiências vividas no passado que são depositadas no indivíduo sob forma de esquema de pensamento, percepção e ações, o que vem a contribuir para a conformidade das práticas e sua constância através dos tempos.

Foucault (1990), menciona a grande importância em se analisar o discurso, o discurso não dito e a hipótese repressiva para a implantação do tema transversal relacionado à sexualidade nas escolas, uma vez que o falado, assim como o silêncio, escondem e evidenciam práticas adotadas nas escolas por alunos e professores em relação ao tema sexualidade. Quando o professor verifica a necessidade do trabalho como foi evidenciado na entrevista, mas não se pronuncia, traz a perspectiva de currículo vazio, o problema é evidenciado, mas não existe uma proposta voltada para ele, o que acaba reforçando toda uma postura, que na maioria das vezes, inadequada, de comportamentos sexuais conturbados.

Percebeu-se pela fala dos entrevistados, que o pouco trabalho realizado concentra-se nas aulas ciências. Ficou evidente, pela fala dos professores, que a sexualidade continua sendo trabalhada de forma desarticulada do restante dos conteúdos da grade curricular, e

mesmo assim de forma pouco significativa. O currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo necessita estar centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. Tudo que se almeja na construção da personalidade deve estar evidenciado no currículo.

Alguns dos entrevistados demonstraram uma postura repressiva em relação à abordagem sexual. Foucault (1995) é contra a idéia da hipótese repressiva e afirma que a repressão ao sexo só estimulou ainda mais suas manifestações. E já que reprimir não ameniza definitivamente as questões deturpadas em relação ao sexo e a sexualidade que a todo momento estão presentes na escola, deve-se abrir espaço para o diálogo.

4.2.1. Tabulação dos Resultados da Entrevista

Os dados uma vez coletados, foram tabulados para, em seguida, graficá-los.

Ao se tratar das concepções dos profissionais entrevistados, observou-se divergências quanto à sua articulação pedagógica em relação ao tema sexualidade no espaço escolar e as respostas dadas.

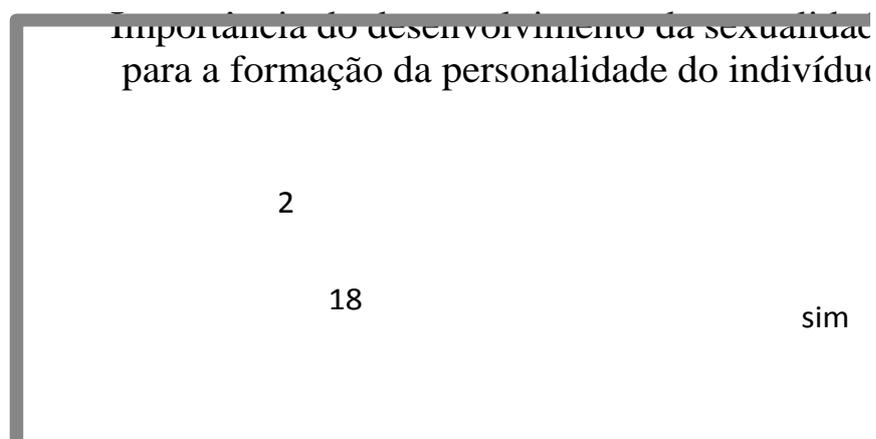


Gráfico 3 - Opinião dos professores quanto a considerarem importante o desenvolvimento da sexualidade para a formação do indivíduo.

Como apresenta o Gráfico 3, 18 professores entrevistados consideram o desenvolvimento da sexualidade muito importante para a formação de uma personalidade equilibrada, o que representa um percentual de 90%. Apenas 2 disseram que percebem a importância, até certo ponto. Para estes, o trabalho com a sexualidade deve levar em conta a maturidade da criança. Caso não seja necessário o professor não deve evidenciar o tema para não despertar o interesse das crianças.

Na visão de Isaac Mielnik (1990), desenvolvimento da sexualidade infantil é muito importante para a formação da personalidade da criança. A partir deste posicionamento o autor sugere que os professores busquem estratégia para abordar o assunto de forma tranquila de modo a contribuir para amenizar as angústias que são normais às descobertas infantis.

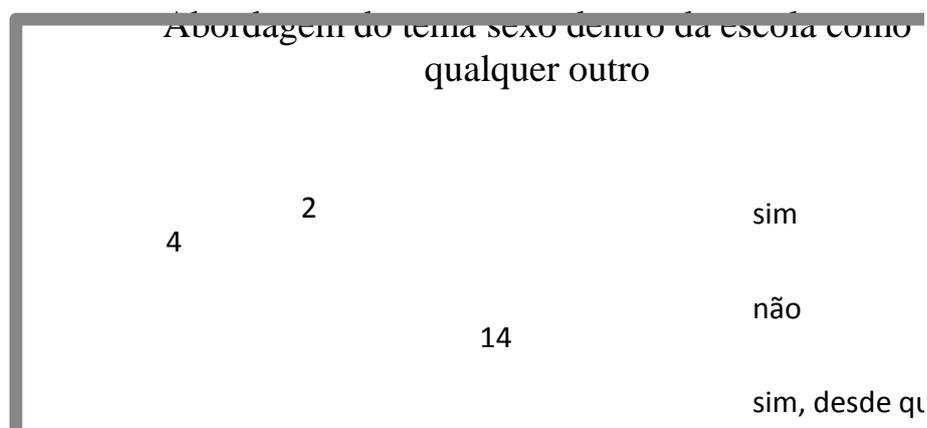


Gráfico 4 - Opinião dos professores quanto a abordagem do tema sexo dentro da escola como qualquer outro tema.

Dos 20 docentes entrevistados, 14 responderam que o tema deve ser abordado dentro da escola como qualquer outro, 4 disseram que este não deve ser abordado como outros temas que são mais relevantes para o processo ensino-aprendizagem e apenas 2 mencionaram que este deve ser trabalhado como qualquer tema, desde que a família esteja a par e concorde com a sua abordagem dentro da sala de aula.

De acordo com o MEC (1997), a abordagem do tema nos PCN's contribui para que ocorra a valorização dos conhecimentos que viabilizam a formação do cidadão. Segundo o documento, o trabalho de Orientação Sexual na escola deve se dar no âmbito pedagógico e coletivo, não tendo portanto, um caráter de aconselhamento individual. Isto quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno.

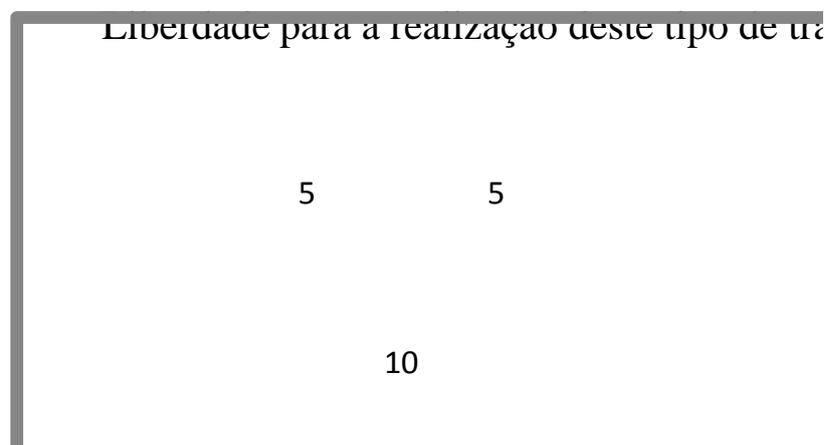


Gráfico 5 - Opinião dos professores quanto à liberdade para a articulação do trabalho com o tema sexo dentro da sala de aula.

Como mostra o Gráfico 5, 5 professores responderam que se sentem à vontade para a abordagem do tema dentro da sala de aula, 10 disseram que se sentem inseguros e envergonhados em relação à realização deste tipo de trabalho, mesmo julgando de extrema importância e 5, algumas vezes, sentem-se envergonhadas na abordagem do tema com crianças.

Para um consistente trabalho de Orientação Sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professores. Os professores precisam se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma

direta e esclarecedora, exceção feita às informações que se refiram à intimidade do educador. Informações corretas do ponto de vista científico ou esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos são fundamentais para seu bem-estar e tranqüilidade, para uma maior consciência de seu próprio corpo e elevação de sua auto-estima.

Segundo Kupermann (1999), o professor precisa dispor do acolhimento suficiente de modo a permitir a emergência da confiança necessária à abordagem franca das questões e dificuldades que eles vivem em relação à sexualidade. De acordo com o autor, a prática do professor deve ser semelhante à do psicanalista perante seus pacientes: acolhimento e tato no que tange às questões pessoais. Desta forma, o professor que aborda o tema sexualidade, estará sofrendo exigências psíquicas diferentes daquelas exigidas por outras disciplinas e precisará de uma certa elasticidade psicológica para lidar com elas. Um trabalho planejado e articulado, respeitando e considerando a transversalidade do tema, poderá servir de suporte a professores.

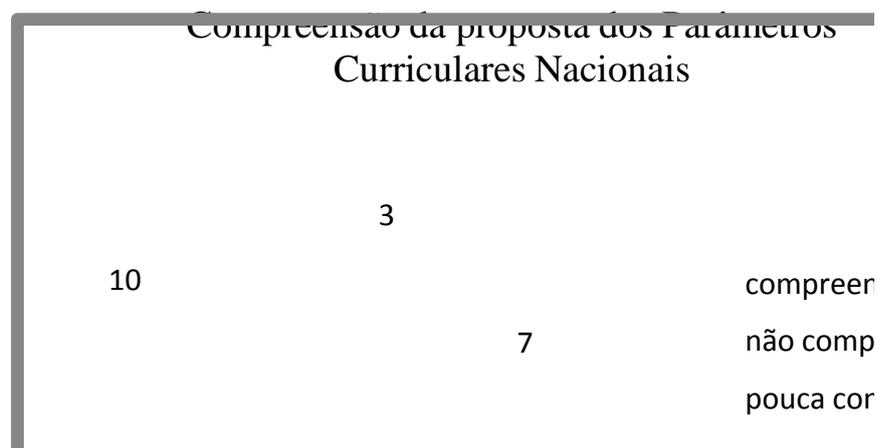


Gráfico 6 - Compreensão dos professores a cerca das Diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

O Gráfico 6 diz que, 3 dos docentes demonstraram ter conhecimento a cerca das diretrizes educacionais propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais; 7 demonstraram

não ter nenhuma compreensão acerca das diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Nunca leram os documentos, alguns até nunca os tiveram em mãos e 10 possuem pouca compreensão acerca das diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

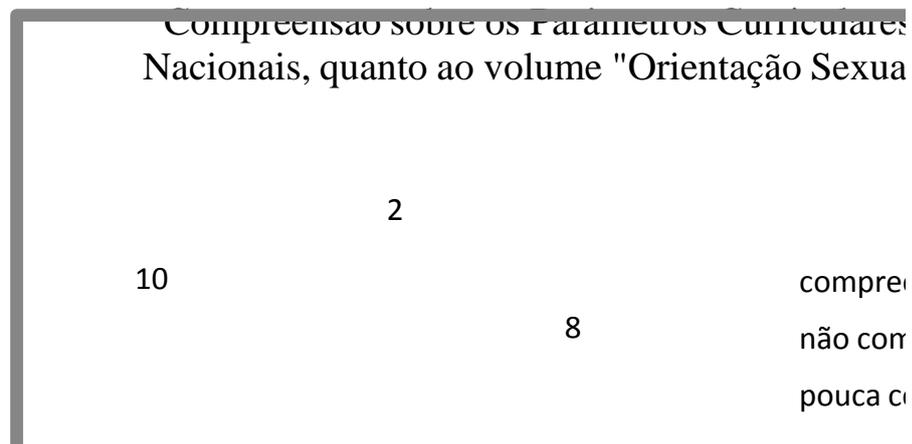


Gráfico 7 - Compreensão dos professores sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto ao volume do tema transversal "Orientação Sexual".

A pesquisa revelou que 2 dos entrevistados compreendem a proposta do volume "Orientação Sexual" e sabem como este deve ser articulado de forma transversal, buscando o suporte das demais disciplinas pedagógicas; 8 não compreendem a articulação pedagógica do volume "Orientação Sexual", sendo assim também não trabalham com o tema e 10 possuem pouca compreensão sobre o volume "Orientação Sexual", apresentando certa resistência no envolvimento do tema na dinâmica das atividades pedagógicas realizadas em sala de aula.

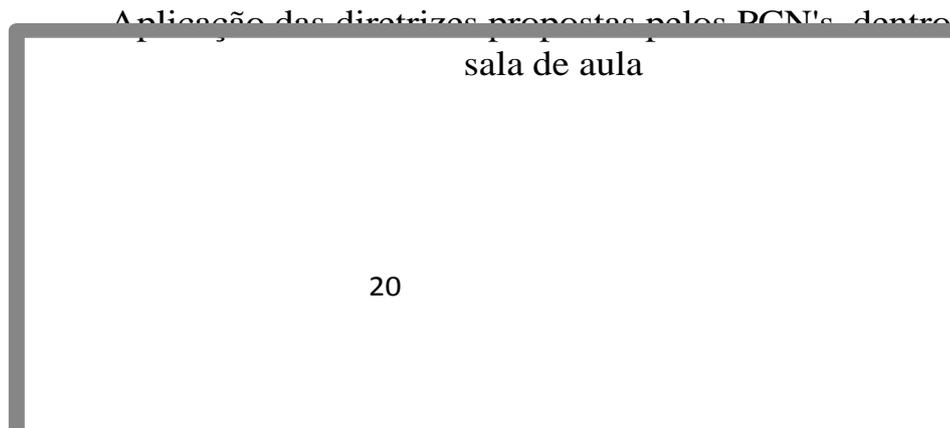


Gráfico 8 - Aplicação das diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais dentro da sala de aula, quanto ao tema transversal "Orientação Sexual".

A pesquisa demonstrou que apenas 2 dos 20 professores entrevistados compreendem a proposta de trabalho dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em especial o volume que aborda a "Orientação Sexual". O Gráfico 8 revelou que estes aplicam as diretrizes em sala de aula.

Os professores que não conhecem ou não compreendem a articulação pedagógica dos Parâmetros Curriculares Nacionais, conseqüentemente não a aplicam.

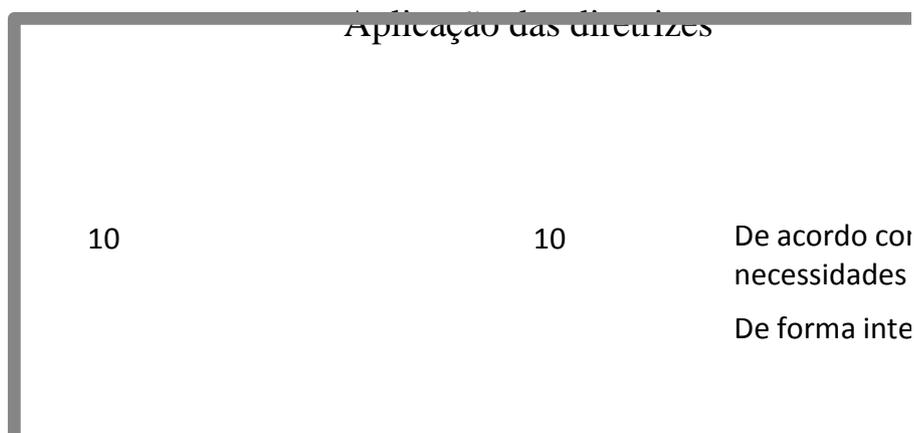


Gráfico 9 - Como os professores aplicam as diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

O Gráfico 9 demonstrou que os 2 de professores que conhecem e compreendem a proposta de trabalho dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em especial o volume que aborda a “Orientação Sexual”, 1 aplica de acordo com as necessidades evidenciadas, ou seja, somente quando alguma atitude realizada pelas crianças demonstra a necessidade de uma intervenção. Neste caso, não existe uma antecipação do tema por parte do professor. Este somente dá ênfase ao tema quando realmente evidencia um comportamento que julgue inadequado por parte das crianças. O outro professor trabalham de forma interdisciplinar, buscando uma interação com outras disciplinas, até mesmo para ter em mãos recursos que favoreçam a sua metodologia quanto ao enfoque do tema.

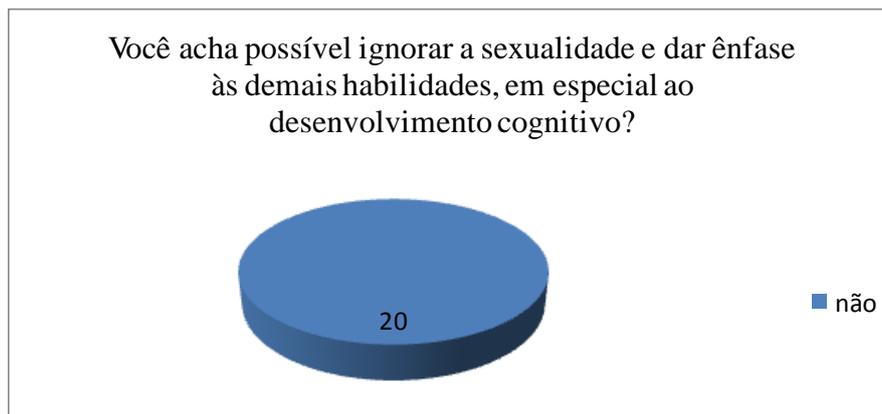


Gráfico 10 – Opinião dos professores a cerca da possibilidade da articulação de um trabalho,desconsiderando a sexualidade,dando ênfase às demais habilidades, em especial ao desenvolvimento cognitivo.

Mesmo não compreendendo as propostas curriculares evidenciadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, os 20 professores entrevistados disseram que não é possível ignorar a sexualidade da criança e dar ênfase às demais habilidades, em especial ao desenvolvimento cognitivo. Disseram que a sexualidade faz parte do desenvolvimento integral do indivíduo, sendo assim precisa ser direcionado dentro da escola. Isto demonstrou incoerência com o primeiro item da entrevista, o que comprova pouca segurança na abordagem do tema.

O conhecimento é o alicerce da prática. Uma teoria sem a prática é inútil, no entanto uma prática sem a fundamentação teoria torna-se vazia pela falta da base para sustentar o desenrolar do processo ensino-aprendizagem.

De acordo com Mielnik (1990), o alvo desejado no preparo da criança é o de conseguirmos que o indivíduo obtenha um desenvolvimento normal, atingindo a maturidade com bom ajustamento . A escola, por sua vez, não está apenas encarregada de transmitir instrução: ler, escrever e contar, mas também é responsável por formar grande parte da sua personalidade e todos reconhecem a influência importantíssima do professor sobre seus alunos.

Ao profissional de educação, compete dominar científica e politicamente o conhecimento sobre o processo educativo. O seu objeto de formação e atuação é o trabalho pedagógico no interior da escola ou fora dela. O ensino será então, a sua base obrigatória, apoiada no conhecimento, o que irá viabiliza a dinâmica do para o fazer pedagógico.

Para Marta Suplicy (1983), falar de sexo com crianças é preciso, antes de tudo, criar um ambiente favorável, onde ele se sinta seguro, tendo liberdade sem correr o risco de ser reprimido. É importante que os educadores reconheçam como legítimas e lícitas, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade, uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A sociedade passa por um permanente processo de transformação. São complexas as causas que provocam tais mudanças sociais nas mais variadas sociedades. Pode-se constatar que as instituições sociais, dentre elas a instituição escolar, produzem ou ajudam a produzir representações comportamentais e discursos. Desta forma é de suma importância salientar que os indivíduos não cumprem literalmente aquilo que é prescrito através dos discursos. Isto foi evidenciado durante as entrevistas, nas posturas adotadas pelos docentes investigados. Para compreender mais profundamente o discurso evidenciado, buscou-se respaldo em Foucault,. Não somente daquilo que é dito, mas também e principalmente o não dito, o excluído do discurso. Foucault questiona a onipotência do discurso e ao mesmo tempo sua fragilidade e chama de hipótese repressiva as perspectivas de análise em geral feitas ao sexo, a que ele se opõe. Ele é contra a idéia da hipótese repressiva e afirma que a repressão ao sexo só estimulou ainda mais suas manifestações. E já que reprimir não resolve definitivamente as questões do sexo e da sexualidade que a todo momento emergem na escola, deve-se abrir espaço para o diálogo.

Seria importante pensar em uma transformação na estrutura escolar, levando em conta a grande dificuldade da inserção do trabalho com a “Orientação Sexual” em sala de aula. Apesar de todo amparo legal para que isto aconteça, ainda existem questões que continuam dificultando ou mesmo impedindo que este trabalho seja realizado.

Em relação a estes apontamentos Bourdieu, utiliza a noção do *habitus*, que de certa forma, explica as dificuldades encontradas pelos professores para mudar uma prática que vem sendo construída há muito, sobre o trabalho com a sexualidade na escola. Existe uma ligação entre os conceitos de campo, no caso a escola, como lócus de uma luta simbólica, estabelecida entre dominadores (professores) e dominados (alunos). Nesta luta, pelo que

observa-se nas entrevistas, os dominadores têm conseguido impor suas verdades, seus tabus, sua crenças, acerca da sexualidade aos alunos.

A sexualidade envolve os aspectos mais evidentes nas características dos seres humanos. Sua descoberta significa a entrada num mundo cheio de realizações. É importante que a escola dê conta destes aspectos e abra definitivamente espaço dentro de seus muros para tratar a sexualidade de forma inclusiva, completa e integrada à própria vida de todos os envolvidos no processo.

O espaço de produção de saberes deve ocupar todo o campo em que as pessoas compartilhem vivências, valores, sentidos, identidades, não se limitando à escola. Todavia, a mesma é o lugar privilegiado onde o professor deve criar condições para que o aluno obtenha uma aprendizagem efetiva e entendida como mudança de comportamentos, atitudes e valores. Relacionar as atividades do cotidiano com as atividades escolares é um meio de integrar o aluno à comunidade em que vive, conferindo direção e sentido às suas experiências, é uma maneira de engajá-lo no processo cultural onde este está inserido.

Concluiu-se que todas as hipóteses da pesquisa foram confirmadas, pois detectou-se que a abordagem do tema sexualidade pelos professores das séries iniciais do ensino fundamental nas escolas periféricas da cidade de Montes Claros não tem atendido às necessidades de formação integral dos educandos e aos objetivos propostos nas diretrizes curriculares.

Quanto às hipóteses alternativas podemos dizer que:

- Os docentes consideram a importância do trabalho acerca do tema sexualidade, mas preferem não fazê-lo.
- Os docentes adotam uma postura pouco flexível acerca do tema, pois sentem-se, em muitos casos, constrangidos com tal abordagem.

- Os docentes têm pouca preparação para o desenvolvimento de um trabalho consciente com o tema sexualidade, o que dificulta a articulação de uma prática coerente e transformadora.
- A maioria dos docentes desconhece as diretrizes propostas pelos PCN's.

Em relação aos objetivos investigados, levantou-se os seguintes pontos sobre os entrevistados e sua prática dentro da sala de aula de acordo com as hipóteses do trabalho:

- a) A respeito da percepção dos entrevistados quanto à influência do desenvolvimento da sexualidade para a formação da personalidade do indivíduo, 18 consideram de grande importância para a formação de uma personalidade equilibrada; apenas 2 disse que acredita ser importante até certo ponto. Para estes a sexualidade deve levar em conta a maturidade da criança. Caso não seja necessário, o professor não deve evidenciar o tema para não despertar o interesse das crianças;
- b) Quanto a postura mais freqüente dos educadores frente às manifestações e dúvidas de seus alunos em relação à sexualidade, 15 dos entrevistados demonstraram ter dificuldades na abordagem do tema, sentem-se inseguros, pouco à vontade, o que indica uma postura inflexível em relação ao sexo e à sexualidade. A naturalidade anunciada em algumas respostas pelos professores fica apenas a nível de discurso, ou seja, não é transportada para a prática pedagógica dentro da sala de aula;
- c) A respeito da compreensão dos entrevistados a cerca dos PCN's, a pesquisa revelou uma má formação por parte dos docentes para o desenvolvimento deste tipo de trabalho com os alunos e, muitos deles acabam usando o temor pelas família dos alunos como justificativa para o não desenvolvimento do tema em sala de aula. Dos 20 professores entrevistados, apenas 3 demonstraram ter conhecimento das diretrizes curriculares; 7 demonstraram não ter nenhuma compreensão e 10 possuem compreendem muito pouco.

- d) Quanto a aplicação dos PCN's dentro da sala de aula, a pesquisa demonstrou que apenas 2 dos entrevistados compreendem a proposta de trabalho, em especial o volume "V" que aborda a "Orientação Sexual". Constatou-se que todos os professores que compreendem a proposta aplicam as diretrizes em sala de aula. Os professores que não conhecem ou não compreendem a articulação pedagógica dos PCN's, conseqüentemente não a aplicam.
- e) Dos 20 dos professores investigados, 18 não entendem verdadeiramente o conceito de transversalidade e não conseguem realizá-lo no contexto da Orientação Sexual.
- f) Mesmo não compreendendo as propostas curriculares evidenciadas pelos PCN's, todos entrevistados disseram que não é possível ignorar a sexualidade da criança e dar ênfase às demais habilidades, em especial ao desenvolvimento cognitivo. Disseram que a sexualidade faz parte do desenvolvimento integral do indivíduo, sendo assim precisa ser direcionado dentro da escola. Isto demonstrou incoerência com o primeiro item da entrevista, o que comprova pouca segurança na abordagem do tema.

Com este estudo, buscou-se agregar com algumas idéias que possam contribuir para a consolidação de ações efetivas no campo da "Educação Sexual" à partir da inserção da Orientação Sexual na escola enquanto tema transversal, de acordo com as abordagens dos PCN's.

Recomenda-se que, primeiramente haja um planejamento e uma ação pedagógica sistemática, o que envolve espaço no currículo escolar. Observou-se que muito pouco adianta um trabalho voltado apenas para o conhecimento do corpo ou para a higiene, como é visto com freqüência, ou palestras isoladas voltadas para esta finalidade. O trabalho de Orientação Sexual deve acontecer de forma permanente com crianças e adolescentes e que o canal de debates e questionamentos acerca da sexualidade esteja sempre aberto no meio escolar.

A contrapartida desta proposta envolve estudo e preparação contínua dos educadores implicados nesta tarefa, com a participação de todos os profissionais do ensino. Todos podem contribuir de algum modo. Não é necessário ser especialista em sexualidade para desenvolver um bom trabalho. Os pais devem ser informados sobre os pressupostos e objetivos do trabalho de Orientação Sexual, o que pode ser feito através de reuniões ou entrevistas. A compreensão da família sobre a grande importância deste trabalho fortalece as ações e pode abrir novas perspectivas de diálogo na própria família.

A escola deverá encontrar o seu próprio caminho. E cabe a equipe pedagógica e direção determinar como o trabalho poderá ser viabilizado. O que não deve acontecer é a negação por completo deste trabalho, pois o silêncio da escola sobre a sexualidade de seus alunos e professores não tem trazido bons frutos, conforme podemos observar na sociedade em geral.

A não realização do trabalho com o tema não pode mais ser considerada, uma vez que a orientação dos PCN's é clara quanto à transversalidade proposta, transversalidade esta que implica numa contextualização da cultura escolar.

Para que a orientação sexual aconteça na escola, é importante que: a) o docente se sentir a vontade para abordar o tema em sala de aula; b) o docente estiver em contato permanente com a temática, lendo, estudando, debatendo; c) houver apoio da escola da direção e toda equipe pedagógica na realização do trabalho; d) envolvimento e apoio das famílias.

Na realização deste trabalho na escola, lida-se com valores sem imposição, o que não é uma tarefa fácil. A postura que deve permear toda a ação pedagógica é a da condução de debates, onde a informação é elemento essencial, mas não suficiente. É importante a utilização de uma metodologia participativa, onde o conhecimento irá se consolidando

coletivamente. O professor não deve assumir posicionamentos diretivos, e também não deve impor suas verdades. Ele tem como referência valores gerais, como o respeito ao outro, à diversidade, à inclusão social e à democracia. O processo de construção dos conhecimentos e a incorporação de comportamentos, atitudes e ações consistentes é o ponto fundamental do trabalho. É necessário ressaltar que a ética deverá fazer parte de todo o trabalho.

Educação não implica apenas informação, ou transmissão de conteúdos com os quais não tenha nenhuma ligação. Na diversidade do mundo contemporâneo existe uma grande exigência dos indivíduos, posturas amplas e definidas, sendo para isto necessária a construção de um currículo articulado, a partir de experiências significativas. A construção de planejamentos pedagógicos que se articulem com as necessidades que se evidenciam é uma das maiores desafios da educação. Desconstruir a fragmentação do conhecimento em disciplinas substituindo-o por um conhecimento integrador e globalizador é urgente. Para que isto aconteça é preciso mudar o *habitus* estabelecido e cristalizado tão severamente no campo escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aquino, J. G. (1997). *Sexualidade na escola*. São Paulo: Summus.
- Araújo, U. F. (1999). *Temas Transversais em Educação: base para a formação integral*. São Paulo: Ática
- Ariès, Philippi. (1981). *História Social da Criança e da Família*. Ed. 2. Rio de Janeiro: Editora LTC.
- Azevedo, J. L. (1997). *A Educação como política pública*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Bicudo, M. A. V., Espósito, V. H. C. (orgs.) (1994). *Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: UNIMEP.
- Bicudo, M. A. V. (2000). *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez.
- Bourdieu, P. (1970). *Escritos de Educação*. Ed. 2. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, Pierre(1983). *O Campo Científico*. In: Ortiz, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo : Ática.
- Bourdieu, P.; Passeron, J. C. (1975). *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.
- Brasil, Congresso Nacional. (1998). *Projeto de Lei n.º 4.173/98: Plano Nacional de Educação*. Brasília - DF.
- Brasil. *Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília – DF.
- Brasil. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. (1997). Ministério da Educação e Desporto. Brasília – DF.
- Busquets, M. D. et al. (2000). *Temas transversais em educação: bases para uma formação integral*. São Paulo: Ática.
- Catonné, Jean-Philippe. (2001). *Sexualidade, ontem e hoje*. Ed. 2. São Paulo: Cortez
- Camargo, A. M. F.; Ribeiro, C. (1999). *Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal*. São Paulo: Moderna e Campinas: Ed. da Unicamp.
- Claret, M. *Freud: por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret.
- Coll, C. (Org.) (1998). *Construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática.
- Cunha, Luiz A.(1991). *Educação, Estado e Democracia no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez.
- _____. (1989). *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.
- Diniz, D.; Pereira, L. L. (1998). *Educação sexual para adolescentes: um estudo sobre as moralidades dos aconselhadores*. Ser Social; Brasília.
- Durkheim, E. (1978). *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Editora Abril. (Coleção Pensadores).

- Fagundes, T. C. P. (1995). *Educação Sexual: construindo uma nova realidade*. Salvador, Instituto de Biologia da UFBA.
- Ferraço, C. E. (2000). *Cotidiano Escolar e Currículos Reais: sobre a complexidade das redes de saberes produzidas e articuladas nas salas de aula*. CD-ROM da 23ª Reunião Anual da Anped. Caxambu: Anped.
- Foucault, Michel (1990). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- _____ (1988). *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 5ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal,
- _____ (1994). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Trad. Lígia M. Pondé Vassalo. 11ª. Petrópolis: Vozes.
- Freire, Paulo (1984). *Ação Cultural para a Liberdade*. Ed.7. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- _____ (1989). *Educação como Prática da Liberdade*. Ed.19. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- _____ (1990). *Educação e Mudança*. Ed.16. Tradução: Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martim. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- _____ (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freud, Sigmund. (1980). *Obras Completas*. Volumes: VII, XIII, XVIII, XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freitag, B.(1980). *Escola, Estado e Sociedade*. São Paulo: Cortez e Moraes.
- Grossi, M. P. et al. (Org.) (2005). *Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Goldberg, M. Amélia. (1988). *Educação sexual: uma proposta, um desafio*. 4ª ed. São Paulo: Cortez.
- Knaut, D. et. al. (2006). *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade*. Porto Alegre: NUPACS.
- Kupermann, Daniel. (1999). *Sexualidade e Educação*. Rio de Janeiro: Gryphus.
- Lakatos, E. M. A. (1992). *Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório publicações e trabalhos científicos*. Ed. 4. São Paulo: Atlas.
- Ludke, Menga; André, Marli, E.D.A.P. (1986). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU
- Larrosa, J. (1994). *Tecnologias do Eu e Educação*. In: Silva, T. T. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.
- Gadotti, M.(1994). *Histórias das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Editora Ática.
- Gamboa, S. S.(1997). *Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade*. 2a ed., São

- Paulo: Cortez, (orgs. José Camilo dos Santos Filho e Silvio Sánchez Gamboa).
- Gil, A. C. (2007). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- _____.(2001). *Gestão de pessoas*. São Paulo : Atlas.
- Guimarães, I. (1995). *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas (SP): Mercado das Letras.
- Kupfer, M. C. M. (1997). *Freud e a Educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione.
- Louro, G. L. (1999). *Pedagogias da sexualidade*. In Louro, G. L.(org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Monteiro, R. A. (1998). *Fazendo e Aprendendo Pesquisa Qualitativa em Educação*. Juiz de Fora: Edições FEME.
- Mielnik, Isaak. (1990). *Educação Sexual na Escola e no Lar: da infância à adolescência*. 10ª ed. São Paulo: IBRASA.
- Murray, Edward. (1986). *Motivação e Emoção*. 10ª Ed. Rio de Janeiro. Guanabara.
- Oliveira, P. R.; Castro, E. A. (Org.).(2002). *Educando Para o Pensar*. São Paulo: Thomson.
- Ortiz, Renato. (1980). *Pierre Bourdieu: sociologia*. Ed. 2. São Paulo: Ática
- Paiva, V. (1996). *Sexualidades Adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual*. In: Parker, R; Barbosa. R. M. (Orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Pauly, E. L. (2004). *O Dilema Epistemológico do Ensino Religioso*. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro.
- Priore, Mary Del. (1997). *História das mulheres no Brasil*. Ed. 2. São Paulo: Contexto.
- Rego, T. C. (1995). *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes.
- Rosemberg, F.(1985). *A educação sexual na escola. Cadernos de Pesquisa*, n. 53.São Paulo: Editora Basiliense.
- Santos, J. L. (1983). *O Que é Cultura*. Coleção Primeiros Passos. Ed. 9. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Severino, A. J. (1986). *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez.
- Silva, R. C. P.; Megid, N. J. (2006). *Formação de Professores e Educadores Para Abordagem Educação Sexual na Escola: o que mostram as pesquisas*. São Paulo: Vozes
- Silva, T. T.(1999). *Identidades Terminais*. Petrópolis: Vozes
- _____.(1999). *O currículo como fetiche*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Souza, C.(2003). *História da educação: processos, práticas, saberes*. 3 ed. São Paulo: Escrituras.
- Strauss, A.; Corbin, J. (2007). *Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Suplicy, Marta. (1983). *Conversando sobre sexo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____.(1995). *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olho d'Água.

- _____. (2002). *Papai, Mamãe e Eu: o desenvolvimento das crianças de 0 à 10 anos*. 10ª ed. São Paulo, FTD.
- Tannahil, Reay. (1983). *O Sexo na História*. Rio de Janeiro: Editora: Francisco Alves.
- Teles, M. L. S. (1992). *Educação, a revolução necessária*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Valladares, Kátia. (2001). *Orientação Sexual na Escola*. Rio de Janeiro: Quartet.
- Vidal, D. G. (1998). *Sexualidade e docência feminina no ensino primário do Rio de Janeiro (1930-1940)*. In: Bruschni, C.; Hollanda, H. B. (Org.). *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Vozes.
- _____. (2004). *Educação Sexual: produção de identidades de gênero na década de 1930*. São Paulo: Vozes.
- Vygotsky, Levi Semenovich. (1998). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Ed. 6. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1992). *Pensamento e Linguagem*. Ed. 17. São Paulo: Martins Fontes.
- Wallon, Henri. (1971). *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Difusão Européia.
- Yus, R. (1998). *Temas Transversais: em busca de uma nova escola*. Porto Alegre: Artmed.
- Zabala, A. (1998). *A Prática Educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed.
- Universidade de Brasília. (2006, Fevereiro). *Referências Eletrônicas*. Retiradas em novembro 06, 2008, de <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault>
- Waken, R. (2008, Setembro). *Referências Eletrônicas*. Retiradas em novembro 03, 2008, de <http://glssite.net/edusex/edusex/escolaesexualidade.htm>
- Wikipedia. (2008, Novembro). *Referências Eletrônicas*. Retiradas em janeiro 05, 2009, de http://pt.wikipedia.org/wiki/michael_foucault
- Wikipedia. (2008, Novembro). *Referências Eletrônicas*. Retiradas em janeiro 08, 2009, de http://pt.wikipedia.org/wiki/sigmund_freud

APÊNDICES

CARACTERIZAÇÃO DOS PERFIL PROFISSIONAL DOCENTE DOS ENTREVISTADOS

- 1) Formação acadêmica Inicial
- 2) Formação em cursos de pós-graduação.
- 3) Situação funcional na escola onde atua.
- 4) Tempo/experiência no ensino fundamental - séries iniciais

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

- 1) Você considera o desenvolvimento da sexualidade importante para a formação da personalidade do indivíduo?
- 2) Você acredita que o tema sexo deve ser abordado dentro da escola como qualquer outro?
- 3) Durante a exploração do tema você tem liberdade para conversar com os alunos e esclarecer suas dúvidas?
- 4) Você conhece a estrutura da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais?
- 5) Você compreende a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais quanto ao volume 10.2 que enfoca o trabalho com o tema Orientação Sexual?
- 6) Como você aplica as Diretrizes Propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais quanto ao Tema Transversal Orientação Sexual?
- 7) O Projeto Político Pedagógico da escola, em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, viabiliza a orientação sexual com o objetivo de desenvolver o educando integralmente. Você acha possível ignorar este trabalho e dar ênfase apenas nas demais habilidades em especial ao desenvolvimento cognitivo?

